

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Eu Moro Na Minha História

De que modo o/a Educador/a pode compreender o universo simbólico das crianças através dos Contos de Fadas

Maria Gabriela de Melo Silvano Vieira Osório de Castro

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho Orientado por:

Mestre Joana Duarte

Julho de 2014

*“O pensar nasce do sonho. Deixem as
crianças sonhar!”*

João dos Santos

Dedicatória

Ao meu marido Pedro

Às minhas filhas Margarida e Leonor

À minha mãe

Agradecimentos

Aos meus meninos e meninas com quem trabalhei durante todo o ano.

À Professora Joaquina que foi incansável e que muito me ensinou e incentivou, com a sua sabedoria, na realização deste trabalho.

Ao meu marido Pedro por me ter incentivado e por ter ficado com as nossas filhas em muitos períodos de ausência.

Às minhas filhas pela paciência e compreensão pela ausência da Mamã.

À minha mãe pelo forte incentivo em realizar este mestrado.

Aos meus irmãos Lili e Miguel, aos meus cunhados Filipe e Graça e aos meus sobrinhos Beatriz e Alexandre, pela força e coragem que me transmitiram para a realização deste projecto.

Às minhas auxiliares Lurdes e Paula, pelo forte incentivo que me deram.

Às minhas amigas e colegas Ana Figueiredo e Rita Carido, por terem sido amigas de verdade.

Resumo

O presente Relatório insere-se no âmbito da minha prática pedagógica e teve como suporte a unidade curricular: Investigação em Educação. Esta unidade curricular tornou possível desenvolver competências e recolher informações sobre investigação qualitativa/interpretativa, através da qual se desenvolveu esta investigação.

Este trabalho tem como objectivos identificar e conhecer alguns Contos de Fadas, compreender o seu simbolismo e entender o significado e interpretação que as crianças dão a esses Contos de Fadas. Assim, este relatório é fundamentado através de autores reconhecidos pela comunidade científica, nesta temática, como Bruno Bettelheim, Italo Calvino, Filipa Baganha, Maria Teresa Meireles, Vladimir Propp, Gianni Rodari, Gilbert Duran. A metodologia, neste caso, qualitativa, foi igualmente fundamentada através de autores como Quiky & Campenhondt, Natércio Afonso, Bogdan & Biklen, Alberto Sousa, Robert E. Stake.

Com esse intuito, foram realizadas entrevistas e solicitados desenhos descritivos às crianças no final de cada um dos contos. A abordagem qualitativa realizou-se a partir dos registos das crianças, para compreender o seu universo simbólico e deste modo, conhecê-las e entendê-las melhor.

Deste modo, pretende-se com este trabalho de investigação, compreender o simbolismo de três Contos de Fadas: “As Três Penas”, a “Gata Borralheira” e a “Branca de Neve”. Através deles, entender o significado e a interpretação que as crianças lhes dão. Entender de que modo o/a Educador/a pode compreender o universo simbólico das crianças através dos Contos de Fadas.

Palavras- Chave: Criança, Contos de Fadas, Simbolismo.

Abstract

The present Summary is part of the scope of my pedagogical practice and was supported by the curricular unit: Investigation in Education. This curricular unit enabled the development of competences and to gather information about qualitative/ interpretative investigation through which I have developed this research.

This work has as its objective to identify and get to know some fairy tales, understand their symbolism and understand the meaning and interpretation that children attribute to those fairy tales. Thus, this report is based on authors recognized by the scientific community, in this subject, such as Bruno Bettelheim, Italo Calvino, Filipa Baganha, Maria Teresa Meireles, Vladimir Propp, Gianni Rodari, Gilbert Duran. The methodology, in this case, qualitative, was equally based on authors such as Quiky & Campenhondt, Natércio Afonso, Bogdan & Biklen, Alberto Sousa, Robert E. Stake.

With this purpose in mind interviews were carried out and descriptive drawings were requested of the children at the end of each fairy tale. The qualitative approach was based on the children's records to understand their symbolical universe and in this way get to know and understand them better.

In this way, this study intends to understand the symbolism of three fairy tales: "The three feathers", "Cinderela" and "Snow White". Through them, to understand the meaning and the interpretation that children attribute to them. To also understand in which way the Educator may comprehend the symbolic universe of children through fairy tales.

Key- Words: Child, Fairy tales, Symbolism.

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	9
1. Conto.....	10
2. Contos de Fadas.....	10
3. Diferentes Tipos de Contos.....	15
4. Simbologia.....	19
4.1. O que são símbolos.....	19
4.2. A simbologia da criança.....	20
4.3. A simbologia dos Contos de Fadas.....	21
5. A criança em idade pré-escolar.....	23
6. Os Contos seleccionados.....	26
6.1. “As Três Penas” – Reconto.....	26
6.2. “As Três Penas” – Análise do Conto.....	26
6.3. “A Gata Borralheira” – Reconto.....	28
6.4. “A Gata Borralheira” – Análise do Conto.....	29
6.5. “A Branca de Neve” – Reconto.....	30
6.6. “A Branca de Neve” – Análise do Conto.....	32
Parte II – Referencial Metodológico.....	36
1. Opção metodológica.....	37
1.1. Técnicas/instrumentos de recolha de dados.....	38
2. Observação.....	38
3. Notas de Campo.....	40
4. Entrevista.....	41
5. O desenho descritivo da criança.....	42
6. Procedimentos.....	44
6.1. Cronograma da investigação.....	44
7. Análise de dados.....	46
7.1. Recolha de dados.....	47
7.2. Instrumentos de recolha de dados.....	47

7.3. Análise de dados recolhidos.....	48
7.3.1. Análise dos Contos narrados às crianças.....	50
8. Considerações Finais.....	65
8.1. Constrangimentos.....	69
Referências Bibliográficas.....	71
Anexos.....	I

Índice de quadros

Cronograma.....	45
-----------------	----

Índice de imagens

Imagem 1 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Rosa (três anos).....	51
Imagem 2 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Joana (cinco anos).....	51
Imagem 3 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Dinis (Três anos).....	52
Imagem 4 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Leonor (cinco anos).....	54
Imagem 5 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Joana (cinco anos).....	55
Imagem 6 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Rosa (três anos).....	56
Imagem 7 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Leonor (cinco anos).....	58
Imagem 8 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Rosa (três anos).....	60
Imagem 9 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Joana (Cinco anos).....	61
Imagem 10 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Yaroslava (Cinco anos).....	62

Introdução

Introdução

Os contos de fada sempre me fascinaram e tranquilizaram. Porque o bem vence, sempre, o mal. Induziram-me a praticar o bem em detrimento do mal. Aos maus acontecem sempre coisas terríveis no fim.

Em criança era muito fantasiosa e muito crédula nas personagens do maravilhoso, com o Pai Natal, e só percebi que não existia, muito perto da adolescência.

As personagens dos contos de fada foram de grande contributo para o combate dos meus medos e ansiedades, enquanto criança. Como foram para mim, tenho como certo, que foram, são e serão para todas as crianças.

Sempre senti um grande carinho pelas crianças em geral e desde muito cedo senti que tinha alguma vocação para estar com elas, brincar com elas, aprender com elas. Criávamos empatia. Deste modo, sempre que apareciam crianças em minha casa, a minha mãe dizia logo: “pronto, já está rendida. Já não faz mais nada!”.

E foi deste modo, que me interessei desde muito cedo pela comunidade infantil. Decidi ainda na adolescência que queria ser Educadora de Infância. E sou muito feliz como tal. Não me consigo rever noutra profissão que não esta.

Já enquanto tirava o curso de Educadora de Infância, que finalizei em 1996 (Bacharelato), que os contos de fadas me fascinavam. Para esse facto contribuiu uma professora muito especial de Literatura Infantil que tive. Ela incentivava-nos a explorar os contos de fadas. A contar contos de fadas aos meninos. A tornar esses momentos, momentos muito especiais e mágicos.

Assim, enquanto educadora de infância, os contos de fada merecem-me particular atenção e carinho.

O contar contos de fada ou histórias é um momento mágico, em que eu entro dentro da história e vivo a própria história. Apaixona-me o acto de contar.

Confiro aos Contos um papel central na minha vivência e prática como Educadora de Infância e estou convicta que são fundamentais na vida da criança, porque lhes proporciona novas dimensões à sua imaginação, que seriam impossíveis de descobrir por si só. (Bettelheim, 1985)

Ao longo destes anos observei, que os contos de fadas são mágicos para as crianças. Elas ouvem e pedem para repetir. As crianças gostam de ouvir vezes sem conta, o mesmo conto, porque já têm conhecimento desse conto. Assim, suprime-se o

factor surpresa e a criança que já conhece o desenrolar do conto, sente-se preparada para enfrentar todas as situações.

Os contos de fada falam através das suas personagens. Mostram que a vida é feita de provas nas quais os nossos saberes se vão acumulando, o que nos permite crescer, amadurecer e atingir um equilíbrio interior. Ajudam-nos a tomar consciência de nós e do outro.

Os contos de fada convidam-nos a entrar na magia e no encantamento da palavra. Todo o seu simbolismo reflecte os conflitos, os desejos, a esperança de alcançar a felicidade.

Quem é que ainda não se identificou com um personagem dos contos de fada, na sua vida? Quem é que nunca sentiu como o irmão tonto, a princesa infeliz, o filho da madrasta ou ameaçado por alguém? Quem é que nunca se sentiu encorajado pelo alívio, pelo consolo, pela esperança que o bem vença o mal? Pelo tão desejado “Final Feliz” do “Viveram felizes para sempre”?

Em todos os contos de fada, o bem vence o mal. A importância dos contos de fada é fundamental na construção da personalidade do indivíduo e também na sua capacidade de imaginação, fantasia e resolução de problemas.

Os contos de fada proporcionam-nos desafios, dificuldades, assim como a nossa vida real. No desenrolar das histórias, o herói terá de provar a sua valentia, a sua coragem e a sua determinação, para alcançar o seu final feliz.

Assim, o herói não poderá ser um personagem egocêntrico, fechado e autoritário, e terá que se confrontar e relacionar com o outro e com o mundo onde está inserido. Será responsável pelas suas escolhas boas e más, e com as consequências que daí advém.

Ao longo da história, o herói vai crescendo, vai amadurecendo, vai construindo o seu o seu saber de modo a enfrentar a sua vida e a ter o tão desejado: “viveram felizes para sempre”.

No mundo actual em que vivemos, em que os desafios são cada vez mais exigentes, em que os percalços são cada vez maiores, onde as madrastas e os padrastos são cada vez mais, onde a criança se sente cada vez mais só, mais entregue a si mesma, os Contos são um “conforto”. Num mundo em que cada vez mais se reflectem as diferenças, em que a massificação é uma realidade, em que cada vez mais se sente a dificuldade em impor regras de respeito ao outro e pelo outro, os contos de fada são essenciais e imprescindíveis.

Têm um papel fundamental a desempenhar, que não se esgota unicamente num âmbito psicológico mas também na dialéctica do eu e do mundo.

A criança necessita de exemplos simbólicos de como lidar com as desventuras e adversidades da vida, de modo a conseguir atingir, sem correr riscos, a sua maturidade. (Bettelheim, 1985).

Contrariamente ao que acontece nos actuais contos, ditos modernos, nos contos de fada, estão presentes o bem e o mal. E esta dialéctica entre o bem e o mal obriga a uma luta, a um problema para resolver.

O mal é simbolizado pelo poder, ou da bruxa, ou da rainha, ou de figuras de alguma imponentia. Mas os maus perdem sempre e assim praticar o mal não compensa.

A criança, por norma, identifica-se com o herói e deste modo, sofre todas as atribulações e provocações por que este passa. Mas, como este (herói), sai vitorioso no final do conto.

Nos contos de fada existe uma separação muito clara das personagens boas e más: “Não são bons e maus ao mesmo tempo (...) uma pessoa é boa ou é má, sem meios termos (Bettelheim, 1985, p. 17)

Os contos de fada têm diferentes interpretações e diferentes identificações consoante o estado de espírito e realidade da criança. Deste modo, a maneira como o conto é sentido, difere de criança para criança. A idade também é um factor importante do impacto da história ou do conto.

A importância que cada história pode ter para uma determinada criança, em determinada idade, depende inteiramente do estágio do seu desenvolvimento psicológico e dos problemas que no momento sejam para ela mais premente. (Bettelheim, 1985, p. 24)

É comum quando a criança já ouviu inúmeras vezes determinado conto, que o saiba de cor. Palavra por palavra. E se por ventura, quem lhe estiver a contar o conto, omitir determinada palavra ou frase, a criança reclama, pois o conto não está a ser bem contado, “não é assim”.

Para os poder trabalhar, devemos conhecer o significado simbólico de cada uma das partes da história ou do conto. No entanto, nunca saberemos, ao certo, qual o efeito que determinado conto produziu em determinada criança.

Pretendo demonstrar com este trabalho que os contos de fada dão sentido à vida. Não pretendo dar resposta a uma multiplicidade de perguntas, mas sim recolher alguns elementos de resposta.

De uma panóplia de contos, escolhi três, e os três são da autoria de compilação dos Irmãos Grimm. Existem inúmeras versões destes e de outros contos.

A escolha de três contos dos Irmãos Grimm deve-se ao facto de estes terem sido os primeiros a publicarem a primeira forma literária de conto: “*Kinder und Hausmärchen*” (“Histórias da Criança e do Lar”), em 1812. Dois destes contos, “A Branca de Neve e os Sete Anões” e “A Gata Borralheira” são do conhecimento de qualquer criança, no entanto a versão mais conhecida destes contos é da autoria de um cineasta norte-americano sobejamente conhecido: Walt Disney. E esta foi uma das razões pelo qual eu os escolhi, devido ao encantamento que provocam nas crianças, desconhecendo as crianças as versões mais antigas. Assim, tenciono dar-lhes a conhecer os contos numa versão mais antiga. Existem outras, de outros autores como por exemplo Charles Perrault.

O terceiro: “As Três Penas”, não é um conto muito divulgado e não tenho conhecimento que exista outra versão. No entanto, por conter os elementos pertencentes aos “três aspectos do espírito: o id, o ego e o superego” (Bettelheim, 1985, p. 132), por ter o número mágico dos contos de fadas (o três), por ser uma lição de vida e por ter, como qualquer conto de fadas, um punhado de magia, pareceu-me ser uma escolha adequada. E também pelo facto de o meu grupo de crianças ser composto maioritariamente por crianças de três anos e muitas delas serem o/a irmão/ã mais novo/a.

Deste modo, procurei expor o problema desta investigação: “De que modo o/a Educador/a pode compreender o universo simbólico das crianças através dos contos de fadas?”.

Com a finalidade de saber e entender o problema, estabeleço os seguintes objectivos:

- Identificar e conhecer alguns Contos de Fadas.
- Compreender o simbolismo dos Contos de Fadas.
- Entender o significado e a interpretação que as crianças dão aos Contos de Fadas.

Realçando o papel dos Jardins-de-Infância, Castro e Rodrigues (2008, p. 12), referem que uma das funções deste “é criar ambientes de aprendizagens ricos, em que as

crianças se possam desenvolver como seres de múltiplas facetas, construindo percepções e bases onde alicerçar aprendizagens”.

Esse alicerçar de aprendizagens também é efectuado através dos contos de fadas que com eles acarretam inúmeras aprendizagens aos mais variadíssimos níveis. Os contos de fadas são transversais a todas as áreas. Eles trabalham o conhecimento do mundo, quando por exemplo descrevem a floresta; a expressão oral/linguagem, pois são detentores de um léxico alargado, que muitas vezes a criança desconhece e que lhe é dado a conhecer com o conto; a formação pessoal e social, porque trabalham a eterna batalha do bem contra o mal e das consequências que advém de se praticar o mal; entre outras.

A pesquisa realizada neste trabalho é qualitativa. Assim, para a recolha de dados foi realizado um questionário/entrevista que contém perguntas pertinentes sobre esta temática e relacionadas com os contos que foram contados.

Esta pesquisa foi realizada com crianças de três, quatro e cinco anos de idade (grupo heterogéneo), pertencentes à minha sala de Jardim de Infância. As crianças responderam aos questionários (semi-estruturados com perguntas abertas e fechadas). Outro elemento de pesquisa foi a observação participante. Foram seleccionadas questões que seriam de relevância para a pesquisa.

A investigação conteve várias etapas, como a escolha dos contos de fadas a serem contados, a elaboração do questionário/ entrevista, a selecção de documentos, a “Hora do Conto”, entrevistas e a análise de todos os dados.

O Jardim de Infância onde foi realizado esta pesquisa, é um Jardim que contém uma única sala de actividades e um só grupo de crianças. Pertence a uma Junta de Freguesia da cidade de Lisboa. Eu sou a Educadora e a trabalhar comigo tenho duas auxiliares. O equipamento possuiu um refeitório, cozinha, casa de banho, para crianças e adultos, uma sala de actividades, que se converte em dormitório na hora da sesta, sala dos cabides e um pátio exterior onde se realiza o recreio.

O equipamento também é detentor de uma cozinheira, que fornece diariamente as refeições às crianças e uma auxiliar de serviços gerais, para a limpeza e manutenção do mesmo.

Deste modo, na base desta pesquisa esteve um grupo de vinte e quatro crianças, com três, quatro e cinco anos de idade. Um grupo heterogéneo. Este grupo é constituído por doze crianças do género masculino e doze crianças do género feminino

É um grupo um pouco atípico, visto na sua constituição existirem dezoito crianças de três anos de idade. Poder-se-ia dizer que é um grupo de extremos, visto ser composto, como já foi referido, por dezoito crianças de três anos de idade, cinco crianças do grupo dos cinco anos e só uma criança do grupo dos quatro anos.

Apesar da sua constituição, existe uma boa dinâmica no grupo. As crianças mais velhas prestam um grande auxílio às mais novas, quer nas actividades da sala, quer nas saídas ao exterior.

Mesmo com idades tão díspares, é um grupo que se entusiasma e colabora nas actividades propostas da sala. Existe uma boa relação entre pares e com os adultos envolvidos, Educadora e Auxiliares.

A nossa sala é ampla e bastante iluminada. Está dividida por “cantinhos”: “o cantinho da conversa”, onde as crianças se sentam nas suas almofadas para conversar, para ouvir histórias, entre outras coisas. Também é neste espaço que abordamos os temas de todas as áreas de conhecimento. É o espaço do “conhecimento”.

Temos o “cantinho das mesas” que é utilizado para as actividades do domínio das expressões, nomeadamente, da plástica.

Os outros “cantinhos”, como o da cozinha, das bonecas, dos jogos, da leitura, são de brincadeira livre, onde as crianças brincam sem intervenção do adulto.

É uma sala muito colorida em que as paredes são pintadas de amarelo, verde, rosa e azul, da metade da parede para cima e de branco da metade da parede para baixo. A decoração da sala é realizada ao longo do ano lectivo, com os trabalhos realizados pelas crianças, para que deste modo, a sala, também seja um processo crescente e pessoal de cada uma delas.

O espaço da sala de actividades deve ser detentor de um ambiente acolhedor e motivador para que as crianças se sintam bem. Segundo as OCME (Educação, 1997, p. 37): “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas todo o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”.

Foi na sala de actividades que foram recolhidas as informações para realizar este relatório de investigação.

Este relatório está dividido em duas partes, que foram redigidas segundo o antigo acordo ortográfico. Na primeira parte do relatório encontra-se o Enquadramento Teórico, que é a base teórica desta investigação. O Enquadramento Teórico é fundamentado através de autores entendidos nesta temática e reconhecidos pela

comunidade científica. É nesta parte do Relatório que estudámos a definição de Conto, o que são Contos de Fadas e a sua origem, que tipos de Contos existem, a definição de Simbologia, de Símbolo, a Simbologia da Criança, a Simbologia dos Contos de Fadas, a definição de criança em idade Pré-Escolar, os Contos que foram seleccionados para a realização desta investigação, o reconto desses Contos e por fim a sua análise.

Na segunda parte deste Relatório apresentamos o Referencial Metodológico, ou seja a escolha e a forma como foi realizada esta investigação. Este Referencial Metodológico também é fundamentado por autores entendidos e reconhecidos pela comunidade científica, relativamente a esta temática (Metodologia). Esta parte do Relatório remete para a forma como se realizou esta investigação, para a opção metodológica (que foi investigação qualitativa), as técnicas/instrumentos de recolha de dados que foram utilizados (observação directa, entrevistas e desenhos descritivos das crianças) e o Cronograma da investigação.

Posteriormente, realizou-se a análise de dados recolhidos. Para a validação científica desta análise, é imprescindível a fundamentação dos dados recolhidos, através dos autores que foram referenciados na primeira parte deste relatório (Enquadramento Teórico).

Ao longo do trabalho fui respondendo às questões inicialmente colocadas, dando-lhes visibilidade nesta última parte. São as considerações finais da investigação. É nesta parte do trabalho que também são identificados os constrangimentos que foram sentidos ao longo da realização deste trabalho de investigação.

Seguidamente encontra-se o Referencias Bibliográfico. É nesta parte do relatório que se encontram todos os autores que foram citados e que serviram de fundamentação para este trabalho.

Por fim, surgem os Anexos, que incluem os Contos de Fadas seleccionados e o molde das entrevistas que foram realizadas às crianças.

Enquadramento Teórico

I – Enquadramento Teórico

1. Conto

O conto é uma narrativa muito antiga que cria um universo de seres e acontecimentos, da imaginação e da fantasia. Apresenta um narrador, poucas personagens, diferentes pontos de vista e um enredo. É uma história completa e fechada, analogicamente falando, é um ovo. Muito conciso. É sempre carregado de imaginação e tudo o que contém é importante. Tudo são pistas. Cada adjectivo é insubstituível. Tudo tem significado.

2. Contos de Fadas

“(…)

Se os homens fizeram tudo o que pensaram
Sonharam bem antes de o realizar
E se o conseguiram foi porque o sonharam
Sonhos que ninguém quis acreditar

E os contos de fadas sempre repetidos
De velhos e novos pelas gerações
Traziam em si sonhos escondidos
Que os Homens guardam em seus corações.”

Margarida Castel Branco

O que são contos de fadas? Qual a sua origem? Quem os inventou? Quem é que conseguiu essa proeza? Quem foi o génio? Porque é que todos nós, crianças e mesmo adultos, nos rendemos aos contos? Qual a mensagem que são portadores? Qual a sua magia?

Um olhar retrospectivo dos autores demonstra que os contos de fadas já existem há milénios. Mesmo antes de Cristo. O conto de fadas mais antigo fixado data de 2000 AC, e é o da “Cinderela” ou “Gata Borralheira”, atesta-o Lúcia Galvão numa palestra que moderou sobre o *Simbolismo dos Contos de Fadas*. Passaram de geração em geração, de continente em continente propagaram-se por todo o mundo, com pequenas variantes que deram lugar às muitas versões existentes dos Contos.

O conto de fadas chega-nos de uma antiguidade ainda mais remota que o mito religioso: remonta à época das primitivas comunidades de caçadores, antes ainda que fossem inventadas a agricultura e a pastorícia. (Calvino, 1999, p. 142)

Nos finais do século XVIII tornaram-se contos de fadas “literários” (Charles Perrault – 1667; Irmãos Grimm – 1812; Hans Christian Andersen – 1835) e deixaram de ser somente contos populares de tradição oral. “Os verdadeiros contos populares são anónimos, de origem longínqua e difícil de precisar.” (Traça, 1992, p. 31).

Os contos de fadas incorreram no perigo de desaparecer do âmbito do mundo letrado, no entanto e felizmente foram salvos pela sua adaptação aos gostos literários que existiam na época e posteriormente foram publicados. E esta adaptação está intimamente ligada a nomes como: Charles Perrault, Mme. d’Aulhoye e de Mme. Leprince de Beaumont que os adaptaram de acordo com o século em que viviam (século XVII).

Deste modo, os contos conseguiram sobreviver, fazer parte da nossa herança cultural e estar acessíveis a um *maior número de pessoas*. Passado um século da sua publicação, *Contos da Mãe Gansa* (1697), surgiram novos interessados nesta temática, começando a realizar uma recolha daqueles que ainda não tinham sido impressos. Este trabalho teve como impulsionadores os Irmãos Grimm, Jakob Ludwig Karl e Withelm Karl) na Alemanha. Realizaram pesquisas muito importantes no campo da tradição popular, deixando um riquíssimo acervo de histórias, lendas, anedotas, superstições e fábulas alemãs. Percorram a Alemanha onde recolheram e registaram muitas narrativas populares. Muitos dos seus inquiridos eram pessoas muito humildes e até analfabetas, como por exemplo, camponeses, barqueiros, pastores entre outros.

As primeiras histórias que os Irmãos Grimm publicaram eram intituladas: “*Kinder und Hausmärchen*” (Histórias da Criança e do Lar), em 1812, como já foi referido na introdução. Faleceram em 1858, Withelm e 1868 Jakob.

Os contos, no seu início tinham como alvo, toda a população e não só o público infantil. Hoje em dia, os contos fazem parte do património imaterial (UNESCO, 1986), sendo uma herança viva de todas as crianças de todos os países do mundo.

Os contos de fadas também podem ser considerados contos do maravilhoso e são variações do denominado Conto Popular de tradição oral. São portadores de uma mensagem de valores culturais e de conhecimentos, que são transmitidos de geração em geração. A sua transmissão era e ainda é, efectuada oralmente: “Os contos de fadas

constituem uma literatura de tradição oral que se foi preservando pela sua repetição ao longo de gerações” (Baganha, 1989, p. 22)

Como diria Lúcia Helena Galvão (2013), na sua palestra, sobre o *Simbolismo dos Contos de Fadas*, estes não são de criação popular, mas de transmissão popular, porque os contos de fadas advêm do mito e o mito não é de criação popular. Transmitiam-se de mestre para discípulo, nas escolas antigas da humanidade. Essas histórias não transmitiam qualquer mensagem ao homem comum, no entanto eram plenos de informação para aqueles para quem a mensagem se destinava.

Nasceram de mitos fragmentados que foram perpetuados através da tradição oral, conservados de geração em geração, criando várias versões. O seu alvo primordial é universal e não só o público infantil. A arte de contar histórias é muito remota e muito antiga. O contador era e ainda é em alguns sítios do planeta, um sábio, que através das suas histórias educa os ouvintes/escutadores para a vida, de geração em geração. Diz-se que em algumas comunidades, nomeadamente tribais, se este ritual não fosse concretizado, que a população mais jovem a quem tinham sido omissos estes ensinamentos, incorriam num perigo grave de sobrevivência.

O “Banquete” de Platão ilustrava do mesmo modo esta realidade. As pessoas reuniam-se, cantavam, conversavam e contavam as suas histórias como elementos fundamentais na educação da época.

Quase sempre os contos de fadas começam pela frase mais emblemática de todos os tempos: “Era uma vez...”, o que nos transporta para os lugares mais estranhos e misteriosos do mundo. O “Era uma vez...”, não se situa em tempo algum, pode ter sido ontem, há cem anos, há mil anos... o que lhe confere intemporalidade. Os contos de fadas são de ontem, hoje e amanhã. São de todos os tempos. Os contos de fadas são intuitivos e as crianças, também são por natureza muito intuitivas.

São portadores de um percurso sinuoso e difícil de percorrer, repletos de provas, adversas, recheadas de medos, conflitos e sonhos. Os contos são muitas vezes associados ao percurso de vida do ser humano, desde o nascimento, o amadurecimento, a velhice e a última etapa que é a morte. São recheados de amores, ódios, amizades e invejas. Podemos, através deles, perceber o sentido da vida, o drama humano, as provas, as dificuldades e a conciliação final. Todas as provas que o herói vai encontrando e superando. A personagem central é o “ser humano” (Galvão 2013), cada um de nós, e os outros são os factores adversos, as bruxas, os dragões, entre outros. O herói é o homem,

na luta pela vida, pela conquista de si mesmo, pelo sentido da vida humana. E por fim, a harmonização do casamento entre o príncipe e a princesa, ou seja, o final feliz.

Possuem magia e através deles tudo é possível de acontecer. Carregam encantamentos, metamorfoses e muitos póis de perlimpimpim. “Ao mesmo tempo que distrai a criança, o conto de fadas elucida-a sobre si própria e promove o desenvolvimento da sua personalidade” (Bettelheim, 1995, p. 20)

Antropólogos como Levi-Strauss, questionam o significado dos contos. Os Folcloristas, como os Irmãos Grimm (1812), Sébillot (1881), Müller (1868), Lang (1884) (...), questionam o conto em relação à sua origem e ao seu destino. Etnólogos como Benedict, (1934) questionam o conto em relação ao meio envolvente. A Morfologia, através de Vladimir Propp questiona o seu desenvolvimento. Os Psicanalistas questionam o conto em relação ao que ele revela do inconsciente. (Traça, 1992)

Estas questões encontram respostas em obras como as de: Marie-Louise Von Franz (“*L’interprétation des Contes de Fées*”) e Bruno Bettelheim (“*Psicanálise dos Contos de Fadas*”).(M.L. Von Franz, 1980, citada por Baganha, 1989)

“Os contos de fadas exprimem de maneira extremamente sóbria e directa os processos psíquicos do inconsciente colectivo. (...) Podemos avançar a hipótese segundo a qual cada conto de fadas é um sistema relativamente fechado, exprimindo um sentido psicológico essencial e único, que se traduz numa série de imagens e de acontecimentos simbólicos.” (p.19-20).

Os contos são verdadeiras obras de arte (Bettelheim, 1995), devido a tudo aquilo que transmitem e a forma como o fazem. São tão elaborados, tão ricos de informação e no entanto tão compreensíveis aos ouvidos de seres com tão pouca experiência de vida, como os são as crianças.

Segundo Galvão (2013) nos contos de fadas existem sempre três elementos fundamentais, que caracterizam os contos de fadas como tal:

- 1) O Paradoxo lógico – que se pode definir como uma coisa muito absurda do ponto de vista racional. A percepção da realidade abrange a razão e a intuição (directamente do plano das ideias). Como era proferido na antiguidade, o homem para agir no mundo necessita das pernas da razão e dos olhos da intuição. Assim, a intuição é uma forma de percepção da realidade. A criança é intuitiva.

- 2) A ausência de tempo cronológico – como já foi referido anteriormente, os contos de fadas não são portadores de tempo cronológico. “Era uma vez...”. Não pertencem a um cruzamento do espaço. Os acontecimentos são permanentes.
- 3) O doador e auxiliar mágico – Existe uma motivação altruísta do herói. E as tarefas a realizar, no início, estão muito acima das suas possibilidades. Por exemplo um passarinho que explica ao herói como destruir o dragão, uma espada mágica que ajuda o herói a superar as suas provas. A passagem da mensagem entre o mestre e o discípulo. Surge a virtude do protagonista.

O sentido que se tira dos contos, difere de criança para criança, segundo a sua situação de momento e segundo os seus interesses. O mesmo conto, contado ao mesmo tempo a diferentes crianças pode ter diferentes impactos. As crianças sentem e têm realidades diferentes. E o que foi importante para uma, pode não ser necessariamente para a que está a seu lado.

Platão (s/d), quando fala da educação das crianças, na sua obra: “A República”, menciona que o que é de maior importância e relevância é devolver a imaginação às crianças, que segundo ele é a máquina com a qual recriamos o mundo. E mais importante ainda, que educaria as crianças servindo-se de histórias, contos e mitos.

Também Albert Einstein, o famoso físico, era um acérrimo defensor dos contos de fadas. Conta-se que um dia encontrou uma senhora que tinha o desejo de ver o seu filho ser reconhecido no mundo científico. A senhora inquiriu o cientista sobre conselhos úteis e importantes para que o seu filho vingasse como tal. Que tipo de livros deveria consultar?

“Contos de fadas”, respondeu o famoso cientista.

“Está bem, mas de seguida, o que deve ler?”, perguntou a mãe muito ansiosa.

“Mais contos de fadas” finalizou Albert Einstein.

Estes dois reconhecidos nomes da humanidade (Platão e Albert Einstein), eram grandes defensores da importância dos contos de fadas de um modo transversal às áreas que estes podem influenciar. Os contos de fadas devem ser trabalhados como um meio facilitador. Pois eles contribuem para a abertura por parte da criança para falar e expor os seus sentimentos, medos, incertezas e angústias. Segundo Bettelheim (1995) podem ser terapêuticos, pois a criança através deles, encontra a/s solução/ões para os seus problemas.

Em suma, os contos são narrativas que são fáceis de reconhecer. Caracterizam-se por histórias curtas, simples que são detentoras de personagens “tipo”, que vivem situações “tipo”. Encontraram-se tipos muito semelhantes em diferentes partes do mundo. Da “Cinderela” conhecem-se mais de trezentas versões, da China aos Estados Unidos da América. As situações relatadas são muito semelhantes, no entanto “as manifestações individuais dessas emoções reflectem os costumes e as crenças do grupo que conta a história” (Traça, 1992, p. 32).

São formas orais e literárias que auxiliam as crianças e aos adultos na procura de estratégias para viverem e compreenderem melhor o mundo em que estão inseridos. Permitem que a criança se projecte em diferentes personagens e diferentes situações.

“Para que serve o conto à criança? Para construir estruturas mentais, para estabelecer relações como “eu, os outros”, “eu, as coisas”, “as coisas verdadeiras, as coisas inventadas” (...) Os contos oferecem um rico reportório de caracteres e de destinos, em que a criança descobre indícios da realidade que ainda não conhece, do futuro em que ainda não sabe pensar” (Rodari, 2006, p. 164)

3. Diferentes tipos de contos

Existem também os contos denominados de Contos Tradicionais, que englobam vários tipos de contos.

Existem diferentes categorizações em relação aos contos. Vladimir Propp, um dos mestres nesta temática, citando Wund, classificou-os do seguinte modo (Propp, 1978, p. 42):

- Contos fábulas mitológicas;
- Contos maravilhosos puros;
- Contos e fábulas biológicas;
- Fábulas puras sobre animais;
- Contos sobre as origens;
- Contos e fábulas humorísticas;
- Fábulas morais.

Vladimir Propp (1978) extraiu as variáveis dos contos, que seriam as personagens, atributos e um número finito de funções (trinta e uma funções). As variáveis e as funções formariam os contos maravilhosos russos (Calvino, 1999).

Mais tarde surge Lévi-Strauss que se demarca desta opinião (de V. Propp) e afirma que existe uma inseparabilidade do estudo do mito e do conto de fadas; uma inseparabilidade das funções e atributos e sugere que se deve estudar o léxico, “na sucessão narrativa das funções, mas também na direcção paradigmática, isto é, num inventário das variantes para cada função” (Calvino, 1999, p. 99)

Existem outros tipos de classificação em relação aos Contos. Um deles é preconizado pela escola finlandesa, através de dois investigadores: Aarne e Thompson (em 1928 e actualizada em 1961).

Estes dois investigadores estruturam os Contos do seguinte modo:

- Contos de animais;
- Contos propriamente ditos;
- Contos jocosos e divertidos;
- Contos de fórmula.

Os contos de animais, segundo estes dois investigadores, existem duzentos e noventa e nove tipos destes Contos. “Uma boa parte dos protagonistas destes contos é constituída por animais que ora vivem com o homem nos trabalhos domésticos, (...) ora o infernizam no seu labor (...). É muito comum a presença de figuras como o lobo e a raposa” (Parafita, 2001, p. 39). Alguns destes Contos de animais são por vezes confundidos com as Fábulas, devido às suas personagens serem animais.

Os contos propriamente ditos são incluídos cerca de setecentos e noventa e nove tipos de narrativa, de contos propriamente ditos, segundo estes investigadores. Nele estão inseridos os Contos do Maravilhoso ou de Encantamento (Contos de Fadas), os Contos Religiosos, os Contos Novelescos ou Românticos, e os Contos de Ogre ou do Demónio Estúpido (Parafita, 2001). Nos Contos Maravilhosos habita, quase sempre, o sobrenatural (fadas, bruxas, dragões, entre outros).

Os Contos Religiosos são contos onde se podem encontrar personagens relacionadas com a religião, como Deus, anjos, Nossa Senhora, entre outros. Estas personagens são detentoras do poder do milagre e com ele, punem quem erra e permeia quem pratica o bem. São contos que transmitem a mensagem daquilo que são as nossas acções na terra, têm repercussões na nossa vida para além da morte. Tudo o que

fazemos tem consequências. Deste modo, se praticarmos o bem, a recompensa será garantida, assim como, se praticarmos o mal o nosso castigo também o será.

Os Contos Novelescos são muito semelhantes aos Contos do Maravilhoso, mas sem elementos sobrenaturais. Retrata reis, príncipes e princesas que se relacionam com pessoas com uma condição social inferior à sua. São denominados de “contos realistas”. Por fim, os Contos do Ogre Estúpido, são detentores de personagens como os “demónios, gigantes, olharapos, bruxas e outros seres abomináveis (...). ” (Parafita, 2001, p. 37).

Os contos jocosos e divertidos, são os contos que incluem personagens como os doidos, pessoas estúpidas, mentirosos, mulheres preguiçosas, entre outros. São textos carregados de humor, como o próprio nome indica (Jocosos e Divertidos). Podem ser sátiras da vida de pessoas como o exemplo do conto do padre, que afinal cedeu ao pecado, e concebeu um filho.

Os Contos de Fórmula, são divididos por três grupos: “Contos cumulativos”, “Contos com engano” e um terceiro que não foi catalogado com nome. Ao todo são trezentos e noventa e nove tipos de Contos de Fórmula. “Através deles procura-se exercitar palavras e ideias, ilustrar de uma forma diferente (...) certas explicações” (Parafita, 2001, p. 41)

Antigamente, os serões eram passados à volta da fogueira ou da lareira (mais recentemente), e havia sempre alguém, por norma mais velho, que contava histórias aos demais. Histórias essas que podiam ser verídicas ou não. E assim nascia o conto tradicional, de origem humilde. Como maior parte das pessoas era analfabeta, não sabia ler nem escrever, o conto passava de boca em boca (conto de tradição oral).

Os contos eram contados de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos. Deste modo, e “como quem conta um conto acrescenta um ponto”, o conto foi sofrendo alterações.

O conto é da tradição oral, através da memorização de histórias, muitas vezes ligadas a crenças religiosas, costumes populares, à simbologia do divino, entre outras coisas. É uma narrativa breve, que obedece a uma estrutura simples: situação inicial (de estabilidade); acontecimento perturbador; o percurso atribulado do herói e o desenlace (restabelecimento da estabilidade). Eram contos ricos em moralidade. (Calvino, 1999)

Pode-se afirmar que o Conto Tradicional é uma narrativa inventada pelo povo, transmitida oralmente, com uma finalidade lúdica e moral. Tem uma grande recorrência ao maravilhoso e contém muitos elementos simbólicos.

Galvão (2013), também categorizou, os contos do maravilhoso ou mais vulgarmente chamados de contos de fadas, em três ciclos:

- Ciclo Arcaico (tradições antigas: crianças abandonadas na floresta, espírito numa garrafa, reis e filhos, animal que recupera a forma, entre outros temas. Por exemplo a “Branca de Neve”).

- Ciclo dos Adormecidos (príncipes e princesas adormecidas. Por exemplo a “Bela Adormecida”).

- Ciclo Heróico (Provas que o cidadão tem que mostrar. Por exemplo a “Princesa e a Ervilha”).

Existe também outro género de narrativa, denominado de Lenda. A Lenda é uma narrativa transmitida oralmente, de geração em geração, que assenta em factos reais modificados pela fantasia. Pode possuir um fundo histórico, destinando-se simplesmente à explicação de um facto geográfico de explicar a origem dos lugares.

Lenda (do latim *legenda*, *legere* = ler): narrativa anónima de matéria supostamente histórica ou verdadeira, guardada pela tradição (oral ou escrita). Nela, o real e o imaginário mesclam-se de tal maneira que é impossível discernir onde acaba o verdadeiro e começa a fantasia. (Coelho, 1987, p. 85).

O Mito, outro género, é muitas vezes confundido com a lenda, devido às semelhanças que existem entre eles. O Mito também traduz as crenças de determinada comunidade, assim como a Lenda. No entanto, “o que distingue, na realidade, estes géneros é essencialmente o modo como a sociedade acolhe os relatos que lhes dão corpo” (Parafita, 2001, p. 21). A Lenda pode conter elementos inventados ou fantasiados, mas o Mito não. Os Mitos são acerca de histórias consideradas reais pela comunidade, histórias essas que chegam a ser consideradas sagradas e têm uma origem muito longínqua. (Parafita, 2001).

A Fábula é outro género narrativo que também é sobejamente conhecido. Caracteriza-se por uma narrativa breve e simples, em versos ou em prosa, em que as personagens são animais ou seres inanimados. Têm uma função lúdica e moralizante, pois pretendem representar as qualidades e os defeitos do ser humano. Fedro, Esopo, La Fontaine, no estrangeiro, e Bocage e João de Deus, em Portugal são alguns dos fabulistas mais conhecidos.

4. Simbologia

A simbologia constitui a base do nosso imaginário. Existem estudos, antigos e recentes, sobre a importância dos símbolos na vida e na cultura dos povos. De alguma forma eles são uma linguagem cifrada das aspirações e dos ideais humanos. Por isso mesmo existem desde tempos imemoráveis e continuarão a existir.

4.1. O que são símbolos

Os símbolos são expressões profundas da natureza humana. Têm estado presentes em todas as culturas e em todos os tempos e têm acompanhado o desenvolvimento das civilizações desde o primeiro símbolo surgido nas pinturas rupestres do Paleolítico. Os símbolos têm um grande poder de evocar, já que se dirigem ao nosso intelecto, às nossas emoções e ao nosso espírito. O seu estudo é o estudo da humanidade. (Friedmann, 2005, p. 81)

A capacidade de simbolizar nasce connosco, enquanto seres humanos. Segundo Duran (1964), o símbolo pertence à categoria do signo. E o signo pode significar um sinal, uma palavra, uma sigla ou outros. “É mais rápido traçar numa etiqueta uma caveira estilizada e duas tíbias cruzadas do que explicar o complicado processo pelo qual o cianeto de potássio destrói a vida” (Duran, 1964, p. 12)

Existem signos que podem ser designações arbitrárias, outros em que obedecem a uma maior complexidade. Deste modo, poderemos definir dois tipos de signos: os signos arbitrários, que são indicativos (símbolo de proibição) e os símbolos alegóricos, que emergem de significados (indicam uma parte da realidade que significam) (Duran, 1964).

A Bíblia está completa de simbolismo. A maçã do Jardim do Éden, que é de conhecimento geral, não é mais do que um símbolo (da tentação). As Parábolas que Jesus Cristo contava, serviam de ensinamento a quem as escutava, através do simbolismo que continham. “O símbolo torna-se o grande mediador entre o universo da realidade subjectiva e a vida objectiva” (Friedmann, 2005, p. 82).

A percepção do símbolo é muito pessoal, porque varia de pessoa para pessoa e envolve a pessoa como um todo.

4.2. A Simbologia da Criança

A capacidade de evocar objectos ou pessoas ausentes, vem demonstrar que a criança adquire uma imagem mental da coisa que percebe. A cada imagem ela associa sinais ou símbolos que a representam, e que permitem a sua evocação. (Avô, 1988, p. 77)

Esta capacidade simbólica que a criança possui, pode-se manifestar de diversas maneiras. Pode-se manifestar através da imitação, do jogo, do desenho e até da linguagem. A criança gosta imenso de brincar ao “faz de conta”.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, do Ministério da Educação (1997), podemos ler: “A expressão e comunicação através do próprio corpo a que chamamos jogo simbólico é uma actividade espontânea (...) Materiais que oferecem diferentes possibilidades de “fazer de conta” permitindo à criança recrear (...) situações imaginárias”.

A criança brinca ao “faz de conta” e recria ambientes ricos em pormenores, brinca aos médicos, aos polícias e ladrões, brinca na casinha das bonecas às mães e filhos, entre outros. Brinca ao seu dia-a-dia. Imita situações que tenha observado na sua família e na sua vivência pessoal. Também pode brincar àquilo que desejava ter como sua realidade.

A simbologia surge com um papel fundamental nas brincadeiras, como são exemplo as histórias, os fantoches, o desenho, o brincar com os objectos atribuindo-lhes outros significados. Os jogos simbólicos são possíveis dado que, nesta fase, a criança já é capaz de produzir imagens mentais. A linguagem falada permite-lhe o uso de símbolos para substituir objectos. Precisa de descodificar diferentes códigos simbólicos que fazem parte da sua vida quotidiana. Muitas vezes, esses códigos são convencionais, como sinais de trânsito (Educação, 1997).

Também os contos de fadas são ricos em símbolos e permitem-nos fantasiar e simbolizar questões ou dificuldades que necessitam de ser superadas. Cada conto pode traçar novos caminhos, novas articulações e novos significantes de acordo com as necessidades. A criança identifica no conto a sua vivência pessoal. Nele estão presentes os seus medos, as suas angústias, no entanto de uma forma simbólica.

Deste modo, os contos de fadas não devem ser descodificados às crianças. Pois cada criança tem a sua interpretação e o seu código simbólico.

No seu íntimo, ela entende muito bem que as histórias maravilhosas são irreais – mas não as aceita como falsas, na medida que descrevem, de um modo imaginário e simbólico, os passos do seu crescimento. (Menéres, 1993, p. 46)

4.3. A Simbologia dos Contos de Fadas

Os contos de fadas, devido à sua estrutura simbólica, que está implícita no desenrolar da história, actuam no inconsciente de cada um e desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento da conduta humana.

Esclarecem de uma forma inconsciente, os conflitos internos da criança, e de uma forma simbólica e impessoal, visualizam esses mesmos conflitos e as suas resoluções, contribuindo para o amadurecimento emocional e cognitivo.

Começam de uma forma realista, no entanto, com o desenrolar do conto, aquela realidade não se assemelha à realidade da criança. A criança pode-se sentir abandonada, porém os seus pais nunca a vão abandonar na floresta, como em *Hansel e Gretel*, ou o *Polegarzinho*. Não a colocarão a dormir nas cinzas como na *Gata Borralheira*.

Também as personagens dos contos estão repletas de simbolismo. E são ou boas ou más. Como diria Bettelheim (1995), não há personagens mais ou menos boas ou mais ou menos más.

Ora vejamos, como curiosidade, o que simbolizam algumas das personagens e algumas situações dos contos de fadas:

- A *Madrasta*, a *Bruxa*, a *Feiticeira* – simbolizam a mãe que é má;
- A *Fada* – simboliza a mãe que é boa;
- O *Caçador* – simboliza o pai, que é protector;
- O *Gigante* – simboliza o pai que é rival numa situação edipiana;
- A *Princesa* ou o *Príncipe* – simboliza a própria criança;
- A *Floresta* – simboliza o mundo escuro do nosso inconsciente;
- Tornar-se *Rei* ou *Rainha* – simboliza conseguir o crescimento, a verdadeira maturidade;
- *Cair num sono profundo* ou *renascer* – simboliza ter passado a um estado mais elevado, ter ficado mais maturidade;

- *O Cavalo* – encontra-se geralmente associado ao tempo e à morte. Também se pode identificar com o próprio herói;
- *A Cobra* – encontra-se muitas vezes associada à terra;
- *O Cão* – simboliza um guia/amigo/auxiliar;
- *O Touro* – está associado à fertilidade e à força;
- *As Fadas* – estão associadas à fertilidade e fortuna;
- *A Maçã* – significa a totalidade; simboliza os desejos terrestres;
- *O Sol* – é assimilado ao herói, por oposição ao pai, que é o céu, embora por vezes se identifique com ele. Exprime o momento máximo de actividade heróica;
- *A Lua* – é a “Senhora das mulheres”, deste modo está associada às mulheres;
- Os quatro elementos da natureza:
 - *Água* – que simboliza o nascimento;
 - *Fogo* – que simboliza a vida;
 - *Ar* – que simboliza o espírito;
 - *Terra* – que simboliza a matéria
- Outra leitura dos quatro elementos:
 - *Água* – verde – conotada com a vida e a natureza, com a fertilidade
 - *Ar* – Azul - sonho
 - *Terra* – preta – conotada com o abismo, a profundidade, a noite (medos nocturnos e abismos que interiorizamos) e também com a fertilidade e com os renascimentos, como que um ventre eterno
 - *Fogo* – vermelho – espírito criador, poder, inferno, punição e castigo

Nos contos de fadas as personagens não têm nomes próprios, salvo algumas excepções, como *Hensel e Gretel*. Por norma são: o *pai*, a *mãe*, o *filho mais novo*, o *filho mais velho*, o *rei*, a *rainha*... Todos eles podem simbolizar a família da criança e ela própria.

As crianças precisam desta fantasia, desta magia, deste simbolismo, porque lhes “fornecem significados, estruturam e dão forma às figuras e aos conflitos com que a criança se confronta no seu dia-a-dia” (Traça, 1992, p. 35)

No entanto, a criança consegue fazer a distinção entre a fantasia e a realidade. Porém, precisa da fantasia para resolver os seus conflitos, as suas angústias, os seus

medos, mas resolve-os através da sua vida real. O mundo maravilhoso dos contos de fadas não é mais do que uma ferramenta para que tal aconteça com sucesso. “Antes de a criança ter de se defrontar com a realidade ela tem que ter um termo de referência para avaliar” (Bettelheim, 1995, p. 150).

Quando uma criança se depara com uma situação difícil, para a tentar resolver, vai criar diferentes cenários com diferentes consequências, vai fantasiar sobre essa situação. E porque o faz? Para a conseguir resolver. Brincando com as ideias.

5. A Criança em Idade Pré-Escolar

A criança em idade pré-escolar tem entre três e cinco anos de idade. Nesta fase do seu desenvolvimento, a criança tem uma grande evolução e grandes conquistas, nomeadamente em relação à linguagem e à socialização. Este facto é um grande contributo para a sua independência.

É detentora de uma grande energia, inesgotável, que é gasta através de actividades motoras como o saltar e o correr.

Com cerca de três/quatro anos a criança questiona tudo o que a rodeia. Tem uma curiosidade infinita sobre tudo e sobre todos. Através desta curiosidade a criança elabora de forma mais criteriosa a linguagem.

Aos cinco/seis anos de idade, a criança já tem um vocabulário mais vasto e mais complexo. Fica feliz com as suas conquistas e triste com os seus erros.

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, Piaget (1984) reiterou que nesta fase a criança se encontra no estágio “pré-operatório”, usa o pensamento simbólico de uma forma muito mais evoluída. A Função Simbólica é uma capacidade de representação mental e simbolização, ou seja: a capacidade de substituir um objecto ou acontecimento por uma representação e esta substituição é possível, segundo Piaget, graças à função simbólica. (Piaget & Inhelder, 1984). É detentora de um egocentrismo intelectual, onde ela é o centro do mundo, e que todos os outros têm que pensar como ela. Atribui a objectos e a outros seres vivos, comportamentos próprios do ser humano (Animismo).

Tem tendência para atribuir a realidades psicológicas (medos, desejos, angústias) uma existência física, como a fada madrinha, ou a bruxa (Realismo).

Piaget (1984) considera que o estágio “pré-operatório” é constituído por dois períodos distintos: a fase do pensamento “pré-conceptual” centrada na imaginação e por ela dominada (dois-quatro anos) e a fase do pensamento intuitivo, centrada na percepção de dados sensoriais e a ela submetida (quatro-sete anos).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar dizem-nos que “a educação pré-escolar é a primeira etapa básica no processo de educação ao longo da vida” (Educação, 1997, p. 17).

É imprescindível que este processo de aprendizagem, que é efectuado ao longo da vida, seja bem-sucedido. Roldão (Roldão, 2008, p. 177) diz-nos que “o desenvolvimento é um processo complexo, continuado, interactivo e nunca terminado” e que o desenvolvimento depende de inúmeras coisas, entre quais, a escola.

As suas potencialidades devem ser desenvolvidas e estimuladas, nos primeiros anos de vida. O processo de aprendizagem nasce com a criança e com ela, vai-se construindo, ao longo da vida.

A educação deve destinar-se a promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, na medida das suas potencialidades. E deve preparar a criança para uma vida adulta activa numa sociedade livre e inculcar o respeito pelos pais, pela sua identidade, pela sua língua e valores culturais, bem como pelas culturas e valores diferentes dos seus. (C.D.C., p.21)

O/A Educador/a tem a tarefa de proporcionar à criança a descoberta através da brincadeira. Deste modo, entre a criança e o/a Educador/a deve existir uma relação de proximidade e de cumplicidade. A afectividade é detentora de um papel fundamental nesta dialéctica. A criança deve ser recebida com muito afecto. Não existe desenvolvimento se não existir uma boa relação entre ambos. Só através destes relacionamentos, que promovem o bem-estar da criança, se podem realizar aprendizagens.

A relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente securizante

que cada criança conhece e se sente valorizada.
(Educação, 1997, p. 35)

Deste modo, a Educação Pré-Escolar é de grande importância para a formação e desenvolvimento da criança. Deve ser vista como uma etapa fundamental, em que o/a Educador/a é portador de grande responsabilidade nas escolhas das suas estratégias e práticas pedagógicas, tendo em vista o sucesso educativo da criança.

Os objectivos que as Orientações Curriculares (1997) destacam para a Educação Pré-Escolar são os seguintes:

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da família;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

Ficará ao encargo do/a Educador/a e também da família proporcionar momentos de brincadeira, de aprendizagem, que ajudem a criança a ter um bom desenvolvimento global.

O papel dos educadores é o de estimular todas as formas de expressão de que a criança é potencialmente capaz seja ela deficiente ou normal. (Santos, p. 44)

6. Os Contos Seleccionados

6.1. “As Três Penas” - Reconto

Este conto narra-nos a história de um rei que tinha três filhos, dois muito espertos e inteligentes e o mais novo mais calado e tímido que era considerado “tonto”. O rei começou-se a sentir velho e estava na dúvida a quem deixar o seu reino. Deste modo, deliberou que o filho que lhe trouxesse o presente mais bonito ficaria com o reino. Ao contrário de todas as expectativas, foi o filho mais novo que conseguiu sempre os presentes mais belos e assim herdou o trono.

6.2. “As Três Penas” – Análise do Conto

“Uma criança pequenina, por muito esperta que seja, sente-se estúpida e inapta quando confrontada com a complexidade do mundo que a cerca. Parece-lhe que todos os outros sabem muito mais do que ela e são muito mais hábeis. Eis porque muitos contos de fadas começam com o herói a ser depreciado e considerado estúpido. Estes sentimentos são os da criança a seu respeito, os quais se projectam tanto no mundo em geral como nos pais e nos irmãos mais velhos.” (Bettelheim, 1995, p. 133)

Existem três filhos, três penas, três tentativas para solucionar o problema, neste conto.

O número três é o número da perfeição. É o equilíbrio dos polos negativo e positivo para se criar o neutro. Surge nos mais variados planos, como por exemplo: Na família - Pai, Mãe e filho; na Trindade Católica Romana - Pai, Filho e Espírito Santo; no Corpo - Mente, corpo e espírito; nas fases - Criança, jovem e adulto; na vida: Nascimento, Vida e Morte; nos reinos – mineral, vegetal e animal; nos Aspectos da divindade – Onnipresença, Omnisciência e Onnipotência; no tempo – Passado, presente e futuro; na Psicologia – Consciência, subconsciência e inconsciência.

O três é, universalmente, um número fundamental. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmos ou no homem. Sintetiza a tri-unidade do ser vivo (...) dizem os chineses que é o número perfeito (tch'eng), a expressão da totalidade, da conclusão: nada lhe pode ser acrescentado. (Chevalier & Gheerbrant, 1994, p. 654)

Bettelheim (1995) defende as crianças vêm os números “um”, “dois” e “três” do seguinte modo: o número “um” representa a pessoa que manda em nós, pode ser o pai ou a mãe; o “dois” representa, por norma os dois pais em conjunto, pai e mãe; e finalmente o “três” representa ele próprio em relação aos pais. O filho é sempre o terceiro na família, não existindo diferença se é o primeiro, o do meio ou o terceiro filho.

E é, sem dúvida, um número muito recorrente nas histórias e contos de fadas.

Este conto é uma lição de vida para os filhos e irmãos mais novos. Encoraja-os a lidarem com a vida. Não é pelo facto de serem mais novos ou mais pequenos, que têm menos hipóteses de vingarem na vida.

Neste conto o irmão mais novo é considerado tonto, aparvalhado. No entanto, esta situação não o parece incomodar. Os seus irmãos mais velhos troçam dele e das suas vitórias, ao encontrar quer o tapete mais bonito, quer o anel, quer a donzela. Não têm qualquer espécie de consideração por ele.

Este conto de fadas confere à criança pequena a “consolação e a esperança de que ela mais necessita para o futuro” (Bettelheim, 1995, p. 134). “Assim, o Tolo recebeu a coroa e reinou com sabedoria durante muito tempo” (Grimm, 2013, p. 345)

No inconsciente da criança fazer melhor do que os dois mais velhos é fazer melhor do que os próprios pais.

Neste conto, o filho mais novo, o Tolo é ajudado por uma rã que muito se assemelha a uma avó. “O “Palerma” ficou muito desanimado, até que encontrou um alçapão onde tinha caído a pena. Desceu as escadas desse alçapão e deparou-se com uma grande rã, rodeado de pequenas rãs.”

Segundo consta é um hábito alemão, soprar uma pena, quando se está indeciso pelo caminho a tomar. Sendo este um conto de recolha alemã, “as três penas” fazem todo o sentido. Assim, com apenas o auxílio de uma força da natureza, que é o vento, se traçou o destino destes três irmãos. É apenas sorte. “Para que nenhum dos três irmãos se

sentisse favorecido, o rei soprou três penas para destinar as três direcções dos seus três filhos. Uma tomou a direcção de este, a outra de oeste e a terceira caiu no chão.”

Os dois irmãos mais velhos são muito semelhantes entre si, não se traçando diferenças significativas entre ambos. Levam sempre à presença do rei, os presentes que encontram na ocasião, não tendo efectuado nenhum esforço para entregar um presente que fosse escolhido criteriosamente. Menosprezando deste modo, o seu irmão mais novo. Ou seja, ele era tão palerma, tão tonto que não seria capaz de superar os presentes dos dois irmãos.

“A esperteza será um dom da natureza; é o intelecto, independentemente do carácter. A sabedoria é a consequência de uma profundidade interior, de experiências cheias de sentido que enriquecem as nossas vidas; o reflexo de uma personalidade rica e bem integrada” (Bettelheim, 1995, p. 142)

Os contos de fadas, e este em particular, ajudam as crianças a conseguirem atingir uma personalidade bem integrada, como diz Bettelheim (1995). A gerirem as suas lutas e a compreenderem as situações da sua vida que são adversas.

6.3. “A Gata Borralheira” – Reconto

Este conto relata-nos a história de uma menina que perdeu a mãe. Antes de falecer a mãe tinha pedido à menina que esta fosse sempre boa e piedosa. O seu pai voltou a casar. A mulher com quem casara trouxe com ela duas filhas bonitas mas muito más. As irmãs eram muito cruéis com a menina. Atiravam ervilhas e lentilhas para o borralho só para gozar com ele e a fazer trabalhar. A menina como não tinha onde dormir, deitava-se junto do borralho. E como andava sempre suja, apelidaram-na de Gata Borralheira.

Certo dia, o pai foi à feira, e trouxe um ramo de avelaneira para a Gata Borralheira. Assim que ela recebeu o ramo, correu para a campa de sua mãe e plantou-o lá e nasceu uma árvore. Desde então, a Gata Borralheira ia visitar a campa da sua mãe e sempre que lá ia aparecia um pássaro branco que realizava os seus desejos.

Aconteceu que um dia, foi anunciada uma grande festa, dada pelo rei para que o seu filho escolhesse uma noiva, e que iria durar três dias. A Gata Borralheira foi pedir à madrasta, se ela lhe dava autorização para ela ir. Mas ela não permitiu.

Quando ficou sozinha, a menina foi até à campã da mãe e pediu ajuda à árvore. Apareceu o pássaro que lhe atirou um vestido dourado e prateado e umas chinelas debruadas a ouro e prata. A menina dirigiu-se para a festa e ninguém a reconheceu. Durante três dias ninguém a reconheceu. E no último dia, a Gata Borralheira deixou a sua chinela presa nas escadas. A chinela era pequena e muito graciosa e assim que o príncipe a pegou disse que casaria somente com a dona daquela chinela.

As duas meias-irmãs ficaram muito empolgadas e como tinham o pé grande mutilaram-no para que a chinela coubesse. No entanto o príncipe foi sempre avisado pelas pombas, que as meias-irmãs não eram a menina verdadeira. Foi apresentada ao príncipe a Gata Borralheira que experimentou a chinela e servia-lhe na perfeição. No dia do casamento da Gata Borralheira com o príncipe, apareceram as suas duas meias-irmãs, que se colocaram uma de cada lado da Gata Borralheira, e foram cegas pelas pombas que se encontravam nos ombros da Gata Borralheira. Ficaram cegas pela sua maldade e falsidade até ao fim dos seus dias.

6.4. “A Gata Borralheira” – Análise do Conto

A Gata Borralheira, como já foi referido anteriormente, é o conto mais antigo que se conhece. Pensou-se que teria origem chinesa, devido ao tamanho muito pequeno do pé, que era associado à virtude e beleza.

É um conto associado a muitas angústias, de muitas esperanças e de muitas rivalidades.

O facto de se chamar *Gata Borralheira*, ou seja, estar no meio do borralho, das cinzas, é um sinal de menosprezo. Todas as crianças, já se sentiram “Gatas Borralheiras”, pois todas elas já tiveram atitudes menos aceitáveis nas suas vidas e se sentiram no meio do “borralho”.

É muito frequente, nos contos de fadas existirem meias-irmãs ou irmãos, o que substitui os verdadeiros irmãos e irmãs.

Esta pobre menina é obrigada a trabalhar sem parar para realizar todos os desejos das suas duas irmãs e da sua madrasta. Por norma, as crianças têm sentimentos semelhantes aos da *Gata Borralheira*, nas relações que têm com os seus irmãos ou irmãs. As rivalidades entre irmãos são muito comuns e provocam inúmeros sentimentos de incompreensão, mesmo que os pais não cometam erros. A criança quer a atenção dos

seus progenitores e vê os irmãos como rivais dessa atenção. A *Gata borralheira*, fala-nos destas rivalidades, destes ciúmes, deste sofrimento infligido à menina.

Porém este conto é de extrema esperança, pois a menina consegue inverter a situação e superar todas as adversidades com que se deparou. Por ser uma boa menina, pelo seu esforço, mesmo apesar de ter “obstáculos intransponíveis” (Bettelheim, 1995), o final feliz acontece. Deste modo, este conto incentiva a criança a ter uma postura correcta perante a vida. A ser uma pessoa integra.

Este conto é do agrado quer das meninas quer dos meninos, pois ambos sofrem de ciúmes da relação dos seus pais com os seus irmãos.

É uma história carregada de simbolismo. O próprio nome, que carrega com ele, um pesado fado, o do borralho, o da exclusão. A árvore que nasce na campã da mãe, que simboliza a própria mãe, que está com ela e que a ajuda. A ave que surge na campã da mãe.

“- a alma está no céu, o corpo esta enterrado – é sintetizado pela árvore que cresce na campã: as raízes desta firmam-se no corpo da mãe, enquanto nos ramos reside um pássaro remanescente da crença popular de que as almas dos mortos assumem a forma de pássaro. A cor branca da ave conota, presumivelmente, o paradeiro celeste da mãe.” (Silva, 2011, p. 57)

O pássaro que canta as canções para o príncipe, afim que este perceba que está a ser induzido em erro, e que está com a noiva errada.

As irmãs que mutilam os próprios pés com a finalidade de calçarem o chinelo e desposarem o príncipe. E que para serem aceites, pela *Gata Borralheira*, comparecem no seu casamento e são cegas pelas pombas.

Todos este enredo é carregado de simbolismo. Mais uma vez é uma lição de vida. Como curiosidade, Marian R. Cox, estudou trezentos e quarenta e cinco contos de *A Gata Borralheira*, na sua obra: *Three Hundred and Forty-five Variants*, (Londres, 1893)

6.5. “A Branca de Neve” – Reconto

Certo dia, estava uma rainha a costurar junto à janela de ébano, quando se picou. Do seu dedo saíram umas gotinhas de sangue. Nesse momento a rainha desejou ter uma

filha com aquelas características: de pele branca como a neve que estava na rua, o cabelo preto como o ébano da janela e os lábios vermelhos como o sangue que lhe saía do dedo. Passado pouco tempo o seu desejo realizou-se e nasceu uma criança com aquelas características. Nasceu a criança e morreu a rainha. O rei, seu pai, voltou a casar um ano depois, com uma bela mulher, mas que era muito má. Tinha um espelho que era mágico a quem perguntava se havia mulher mais bela do que ela. E o espelho respondia sempre que ela era a mais bela daquele reino.

Branca de Neve crescia em tamanho e em beleza e a Rainha sentia ciúmes dela. Um dia o espelho respondeu que era a Branca de Neve que era a mais bela. A rainha ficou furiosa e com tanta inveja que mandou chamar um caçador e ordenou-lhe que levasse Branca de Neve para a floresta, que a matasse e que trouxesse o pulmão e o fígado dela como prova. O caçador teve pena da Branca de Neve e deixou-a partir sem a matar. No seu lugar matou um javali, retirou o fígado e o pulmão do animal e apresentou-os à rainha como sendo da Branca de Neve. A madrasta comeu-os pensando que estava a comer o pulmão e o fígado da menina. Branca de Neve deambulou pela floresta, assustada, durante todo o dia. E quando estava quase de noite viu uma casinha onde foi ter para descansar um bocadinho. Era uma casinha pequenina onde viviam sete anões que apareceram pouco depois. Ela contou-lhes o que se tinha passado e eles permitiram que ela ficasse a viver com eles.

A rainha, que estava convencida que era a mais bela, devido à morte da Branca de Neve, voltou a inquirir o seu espelho sobre quem era a mais bela daquele reino e o espelho respondeu que era a Branca de Neve, que vivia em casa dos sete anões. A Rainha percebeu que tinha sido enganada pelo caçador. Atravessou as sete montanhas e foi ter à casa dos sete anões. Bateu à porta e a Branca de Neve não a reconheceu e deixou-a entrar. Quando a madrasta lhe apertou o espartilho, apertou-o tanto que a menina deixou de respirar e caiu como morta. Foi salva pelos anões quando estes chegaram a casa.

A rainha quando chegou a casa voltou a perguntar ao seu espelho mágico quem é que era a mais bela e o espelho voltou a responder do mesmo modo. Então, foi ter com Branca de Neve, mais uma vez. Bateu à porta para lhe vender um pente. Mal o pente tocou nos seus cabelos, o veneno actuou e Branca de Neve caiu sem sentidos. Voltou a ser salva pelos sete anões.

A madrasta voltou a inquirir o espelho que lhe deu a mesma resposta. Desta vez, a rainha preparou uma maçã envenenada e levou-a à Branca de Neve. Assim que ela a mordeu caiu como morta. Desta vez, os anões não a conseguiram salvar e colocaram-na num caixão de vidro. Passou por perto da casa dos anões, um príncipe que ao ver uma menina tão bela se apaixonou. Branca de Neve acordou, depois de se soltar o pedacinho da maçã que se encontrava na garganta e casou com o príncipe. A madrasta morreu com umas chinelas de ferro a arder nos pés.

6.6. “A Branca de Neve” – Análise do Conto

O conto *Branca de Neve* é um dos contos mais conhecidos e populares entre as crianças dos nossos dias. É contado em todo o mundo em todas as línguas. Por norma é conhecido só por *Branca de Neve*. “*Branca de Neve e os Sete Anões* (...) é uma expurgação que infelizmente dá relevo aos anões (...) e não servem senão para realçar os importantes acontecimentos que se dão com *Branca de Neve*” (Bettelheim, 1995, p. 253).

Mais uma vez é um conto carregado de simbolismo. O simbolismo da humanidade.

A profecia da mãe, que quando fura o dedo, num dia de inverno coberto de neve, e cai uma gota de sangue na madeira da janela deseja ter uma filha com aquelas características: a pele branca como a neve, o cabelo preto como a madeira de ébano e os lábios vermelhos como o sangue. “Conta-se que num dia de inverno, estava uma rainha a costurar junto à janela de ébano, quando se picou. Do seu dedo saíram umas gotinhas de sangue. Nesse momento a rainha desejou ter uma filha com aquelas características: de pele branca como a neve que estava na rua, o cabelo preto como o ébano da janela e os lábios vermelhos como o sangue que lhe saía do dedo. Passado pouco tempo o seu desejo realizou-se e nasceu uma criança com aquelas características. Nasceu a criança e morreu a rainha.”

Existem várias leituras sobre estas três cores: preto, branco e vermelho. Por exemplo, Galvão (2013) preconiza que são as três cores do crescimento humano. O preto é a descida aos infernos, é o romper as fantasias, é o confronto com aquilo que somos. O branco é a purificação. É educar os nossos defeitos e coloca-los ao nosso dispor. O vermelho é a ascensão, é o contacto com o divino. A mãe da *Branca de Neve* está a prever que esta criança, que este ser humano está destinada a passar por estas três

etapas para crescer. Estas cores estão relacionadas com a sexualidade: “a inocência sexual, a brancura, contrasta com o desejo sexual simbolizado por sangue vermelho” (Bettelheim, 1995, p. 256). Relaciona o vermelho com o sangue da menstruação e das relações sexuais. E que sem sangrar nenhuma criança nasce.

Só que a mãe morre e quem assume este papel é uma madrasta que é superficial, vaidosa e apaixonada por si própria e pela sua imagem no espelho.

O seu pai é uma personagem fraca com pouca visibilidade. Já a rainha, sua mulher, é uma personagem muito forte. Bettelheim (1995) diz-nos, que esta realidade não é novidade no mundo. É uma realidade que já conta muitos anos de existência. E esta é uma situação que as crianças também têm que saber lidar e ultrapassar.

Branca de Neve não sofre grandes consequências nos primeiros anos de vida de convivência com a sua madrasta. Só após esta ter completado sete anos de idade é que a situação se começa a complicar. Pois *Branca de Neve* cresce em tamanho e em beleza e a Madrasta é detentora de um grande narcisismo. Para se tranquilizar com a beleza alheia, e constatar que era a mais bela, a madrasta tinha em seu poder um espelho mágico ao qual recorria amiúde. Esse espelho informava-a que ela era a mais bela de todo o reino.

Todas as crianças são narcisistas. Todas elas gostam de se olhar ao espelho e de ver a sua imagem reflectida, assim com Narciso. Narciso que só se amava a si próprio, como nos diz Bettelheim. E esse foi o seu fim.

Neste conto, a madrasta narcisista sente-se ameaçada pelo crescimento da Branca de Neve, porque este é a prova do seu envelhecimento. “ (...) quando um filho começa a amadurecer e procura a independência, então é considerado como uma ameaça para o pai ou para a mãe, como sucede com a rainha em *Branca de Neve*” (Bettelheim, 1995, p. 257).

Para resolver o seu problema, a rainha ordena a um caçador que mate a *Branca de Neve* e lhe traga o coração os pulmões e o fígado dela, com o intuito de os comer. Julgando assim, que incorporaria os seus atractivos.

Os caçadores, na origem dos contos de fadas, eram privilegiados, pertenciam a classes altas, como a aristocracia. Este caçador em particular tem uma forte protecção parental em relação a *Branca de Neve*, que a salva das intenções da rainha. Só que a abandona na floresta, como uma alma perdida.

Encontra, depois de muito vaguear, a casa dos sete anões. Também aqui estamos perante o simbolismo dos números: sete.

Galvão (2013) faz a analogia dos sete anões com os sete veículos da estrutura do ser humano: material, energético, intuição, mente superior, mente inferior, psicológico e vontade divina. Ou a união da trindade (três) com os quatro elementos: água, ar, fogo e terra.

No entanto, “de acordo com a opinião de Jung, o quatro corresponde à introdução da harmonia trazida pelo feminino.” (Meireles, 1999, p. 11).

Para Meireles (1999), o número quatro é o número do equilíbrio, para “aquilo que se quer firme, organizado, completo, (...)” (Meireles, 1999, p. 11).

Para Bettelheim (1995), o número sete (dos anões) estava relacionado com os sete metais e os planetas da filosofia antiga, como por exemplo a prata com a lua, o ouro com o sol, etc. Os sete planetas rodam à volta do sol, segundo os antigos. Branca de neve simboliza brancura, pureza, o sol. Os sete planetas a circundar o sol: Branca de Neve e os sete Anões.

Já para Chevalier & Gheerbrant (1994), o sete pode ter várias leituras. Podemos associar o quatro (que simboliza a terra, com os seus quatro pontos cardeais) ao número três, que representa o céu. Deste modo, o sete representa a totalidade do universo em movimento. Representa também o número de planetas e é caracterizado pela perfeição. O homem completo é a soma de quatro com três. O mundo completo, a criação terminada é a unidade original. Tudo isto é o sete.

Nos contos e lendas, este número exprime os Sete estados da matéria, os Sete graus da consciência, as sete etapas da evolução:

1. Consciência do corpo físico: desejos satisfeitos de forma elementar e brutal;
2. Consciência da inteligência da emoção: as pulsões complexificam-se com o sentimento e a imaginação;
3. Consciência da inteligência: o sujeito classifica, ordena, raciocina;
4. Consciência da intuição: as relações com o inconsciente são percebidas;
5. Consciência da espiritualidade: desprendimento da vida material;
6. Consciência da vontade: que faz com que o saber passe para a acção;
7. Consciência da vida: que dirige toda a actividade para a vida eterna e para a salvação. (Chevalier & Gheerbrant, 1994, p. 606)

O encontro com estes sete seres ajudou-a a crescer, a tornar-se mais adulta. Pois existe um preço para ficar a salvo na casa dos anões: “nada te faltará se tomares conta

da nossa casa, cozinhares, fizeres as camas, lavares, coseres e fizeres malha, e mantiveres tudo limpo e em boa ordem” (Bettelheim, 1995, p. 263). E todas estas tarefas domésticas, todas estas provas fazem parte do crescimento do ser humano.

Este tempo passado na casa dos sete anões, ajuda Branca de Neve a crescer e a amadurecer, como já foi dito. Este tempo de crescimento ajuda-a a estar mais bem preparada para enfrentar a rainha, quando esta aparecer.

Pode-se fazer a analogia entre a relação da Branca de Neve e a rainha com uma criança com a sua mãe. Ou seja, as dificuldades e atribulações que a relação mãe e filha passam.

A Branca de Neve deixa-se tentar várias vezes pela rainha e essas tentações são provas que ela tem que superar para conseguir o seu grande desejo: a união com o seu príncipe.

Os anões salvam-na duas vezes dos truques da rainha malvada. No entanto, não a conseguem salvar do terceiro, quando a rainha, disfarçada de uma camponesa, lhe oferece uma maçã. Os anões já não a podem ajudar, porque ela já cresceu, já está pronta para enfrentar as suas provas.

O simbolismo da maçã tem diversas leituras. “Em muitos mitos, assim como nalguns contos de fadas, a maçã representa amor e sexo, tanto no seu aspecto benevolente como no perigoso” (Bettelheim, 1995, p. 269). Também na Bíblia, a maçã tem um papel relevante, como o da tentação do Jardim do Éden.

Branca de Neve deixou-se encantar pela maçã da velhinha, porque ainda não estava preparada para ficar com o seu príncipe. Esta foi a última das suas provas de maturação e crescimento. Branca de Neve deixa de ser “inocente”. Desta vez, os seus amigos e companheiros, os sete anões já não a podem ajudar. E assim, fica durante muito tempo, num caixão de cristal, transparente, até atingir a maturidade.

É salva pelo seu príncipe, que a induz a cuspir a maçã e assim voltar à vida. Agora sim, está pronta para o casamento. A vida de qualquer ser humano está repleta de provas e de dificuldades. Essas provas começam desde o momento que nascemos. Temos que crescer e amadurecer para que possamos usufruir de uma vida plena.

Em muitos contos de fadas, assim com neste, o herói adormece. E esse sono é como se fosse um renascimento, como o próprio nome indica, um nascer de novo, para um patamar mais alto, mais evoluído, para um novo estágio. Para assim, conseguirmos viver de um modo pleno. Nada acontece por acaso, na nossa vida. Tudo tem uma razão de ser e um significado.

Referencial Metodológico

II – Referencial Metodologia

Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. Muitos vivem esta realidade como uma angústia paralisante: outros, pelo contrário, reconhecem-na como um fenómeno normal e, numa palavra, estimulante. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 31)

1. Opção Metodológica

Como já foi referido na introdução, este trabalho segue uma metodologia do tipo qualitativa/interpretativa. “Qualitativa significa que o seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e compreensão humana” (Stake, 2011, p. 21).

A pesquisa qualitativa pode-se definir como um estudo não estatístico, que identifica e analisa em profundidade dados de difícil mensuração de um determinado grupo de indivíduos (neste caso crianças de idade pré-escolar) em relação a um determinado problema específico.

Através da pesquisa qualitativa podemos compreender o contexto do problema. Faz-nos compreender a razão pela qual existe aquele comportamento ou aquele sentimento.

Tem-se tornado um método de pesquisa com muita relevância, nomeadamente nas ciências sociais, na educação, no planeamento, entre outros. Este tipo de método, pode e deve ser utilizado para definir um problema, gerar as hipóteses e identificar as variáveis.

Bogdan e Biklen (1994, p.67) preconizam que “os investigadores qualitativos tentam fazer é estudar objectivamente os estados subjectivos dos seus sujeitos” e ainda, que “os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, e estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais” (p.68). A investigação qualitativa tem na sua essência, segundo Bogdan e Biklen (1994), cinco características:

1 - A fonte directa dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;

2- Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo;

3- Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;

4- A análise dos dados é feita de forma indutiva;

5- O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

A investigação que realizei procura pesquisar de que modo o/a Educador/a pode compreender o universo simbólico das crianças através do conto de fadas.

1.1 – Técnicas/Instrumentos de Recolha de Dados

No processo de recolha utilizei como técnicas: observação directa, notas de campo, entrevistas semi-estruturadas e desenhos descritivos das crianças. Utilizei mais do que uma técnica de recolha, para que deste modo a abordagem fosse mais ampla e abrangente.

Segundo Coutinho (2011), devem-se utilizar vários instrumentos de pesquisa, de modo a possibilitar o cruzamento de informação. Deste modo, asseguram-se as diferentes perspectivas das crianças participantes nesta investigação.

Os nomes que figuram quer nas entrevistas, quer nos desenhos e notas de campo, são fictícios, de modo a assegurar o anonimato das crianças envolvidas.

2. A Observação

A observação em crianças em idade pré-escolar não deve alterar a espontaneidade e o contexto vividos em sala. Só assim será fidedigna.

- Observar não é julgar: É só “olhar” e não “ajuizar” (o observador não é juiz). “Olhar” com “olhos de ver”, factos e não juízos.
- Neutralidade: Observar com isenção, sem tomar partido.
- Objectividade: Sem subjectividade (“acho que”, “penso que”, etc.), sem especulações, sem inferências, sem empirismos, sem intuições.
- Universalidade: Susceptível de que outro observador observe o mesmo nas mesmas condições.

- Registo factual: Vídeo, filme, ou áudio-gravação do comportamento observado. (Sousa, 2005, p. 111)

Enquanto investigadora, quando realizo observação directa, sou eu que vou proceder à recolha de dados. Assim, tenho que criar condições e um ambiente favorável para que as crianças se sintam à vontade para responderem às questões que eu tenho para colocar.

É imperativo que tenha uma visão global do trabalho, para que deste modo, consiga obter informações passíveis de análise de dados.

O meu objectivo deve ser norteador da minha investigação: “é o próprio estudo que estrutura a investigação, não ideias pré-concebidas ou um plano prévio detalhado” (R.Bogdan & Biklen, 1994, p. 83).

É necessário um estudo dotado de saberes e de prática, para se realizar investigação qualitativa. Através da observação directa o/a Educador/a presta atenção aos comportamentos das crianças observadas. Estes são comportamentos espontâneos e naturais.

Como já foi referido anteriormente, este trabalho de pesquisa, contém três tipos de recolha de dados. Neste âmbito, a observação directa prende-se com a observação de comportamentos e manifestações espontâneas que as crianças realizam em relação ao problema seleccionado, contribuindo desse modo para complementar os restantes métodos, “ (...) os métodos de observação de carácter não experimental são adequados ao estudo dos acontecimentos tal como se produzem e podem, portanto, ser úteis para completar outros métodos de análise dos processos de acção e de transformação social” (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 198-199).

Existem muitas vantagens em se realizar observação directa:

- A apreensão de comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem.
- A recolha de um material de análise não suscitado pelo investigador e, portanto, relativamente espontâneo.
- A autenticidade relativa de acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 199)

3. Notas de Campo

Notas de campo são registros realizados pelo investigador, no decorrer da observação, representando um instrumento de recolha de dados para investigação qualitativa. Para que as anotações, das notas de campo, estejam de acordo com o objectivo da pesquisa é necessário um planeamento prévio do que deve ser anotado e observado, delimitando claramente o foco da investigação para não desviar da proposta inicial da pesquisa.

Segundo Bogdan & Biklen (1994) a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos. Só assim se compreende os comportamentos e atitudes das crianças. Observando e registando

Como referi anteriormente, o suporte escrito de um investigador qualitativo assenta também nas Notas de Campo, registros detalhados e descritivos, focalizados no contexto e nas pessoas, e nas suas ações e interações. As Notas de Campo devem ser recolhidas *in loco*, enquanto o investigador observa, ouve, experiencia e reflete, no decurso da recolha, permitindo-lhe respeitar a linguagem e a conduta dos participantes. Sendo objectivas e claras, as Notas de Campo não devem conter relatos de sentimentos, emoções, pensamentos, a não ser que que o observado as transmita verbalmente, de forma deliberada.

Assim sendo, as Notas de Campo são compostas por notas descritivas (estruturadas e rigorosas, que relatam, detalhadamente, acontecimentos significativos para a abordagem da temática escolhida. Estas notas devem ser imparciais e objetivas. No que concerne às notas inferenciais, relativas ao acontecimento descrito (em que a escrita poderá apresentar-se menos disciplinada, pois contém reflexões e análises espontâneas do acontecimento descrito), poderão apresentar questões, clarificar sentimentos e ideias, interpretando-as, ainda que de forma momentânea e superficial. Contudo, e porque não se desligam do contexto nem do investigador, são esclarecedoras do fenómeno observado e objeto de análise, preservando, nessa medida, toda a sua autenticidade, e constituindo, assim, instrumentos metodológicos de recolha de dados observados num determinado contexto que preservam o que se ouviu, o que se viu, o que se experienciou e o que se pensou/refletiu no decurso da recolha.

4. A Entrevista

Definição: “Consiste numa interacção verbal, entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio de telefone” (Afonso, 2005, p. 97)

Para Morgan (1988, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p.134) é uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais, dirigida por uma das pessoas com o objectivo de recolher informação de outra. Burges (1984, citado também por Bogdan e Biklen, 1994, p.134) diz que no caso de um investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio.

Existem três tipos de entrevistas: estruturada, não estruturada e semi-estruturada. A minha opção foi pela entrevista semi-estruturada: É um formato intermédio entre os dois tipos de entrevista anteriores. Mas, mais específica do que a entrevista não estruturada. É realizada a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão deste tipo de entrevista.

A entrevista é organizada por objectivos, questões e itens ou tópicos. A cada objectivo corresponde uma ou mais questões. A cada questão correspondem vários tipos ou itens que serão utilizados na gestão do discurso do entrevistado.

Guião: Realizado a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação.

Segundo Merton e Kendall (1946, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p.135) as entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação. Algumas, embora relativamente abertas, centram-se em tópicos determinados ou podem ser guiadas por questões gerais. Mesmo quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo.

Na pesquisa que realizei com as crianças, as entrevistas foram semi-estruturadas. Como já foi referido anteriormente, este tipo de entrevista, contém perguntas abertas e perguntas fechadas. A minha escolha decorreu do facto de estas entrevistas proporcionarem à criança respostas mais abertas, onde podem responder mais do que aquilo que lhes é questionado directamente. Neste tipo de entrevistas “o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é

imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192)

Segundo Alberto Sousa (2005) as entrevistas, como método de pesquisa, são detentoras de inúmeras vantagens:

- Estabelece um envolvimento pessoal do entrevistado;
- Pode ser aplicada a sujeitos que não sabem ler e, portanto, a crianças pequenas;
- Possui flexibilidade para se poder adaptar às necessidades de cada situação, de cada sujeito e de cada questão;
- Há a possibilidade do entrevistador repetir ou esclarecer as suas perguntas, formulando-as diferentemente, de modo a que sejam perfeitamente compreendidas pelo entrevistado;
- O sujeito pode ser questionado directamente, para melhor explicar as suas respostas;
- Proporciona uma maior oportunidade para avaliar atitudes, opiniões, condutas, podendo o entrevistador observar o modo, a ênfase e as atitudes com que o entrevistado acompanha as suas respostas;
- (...) (Sousa, 2005, p. 248)

5. O Desenho Descritivo da Criança

A criança revela-se através do que faz, pelo que os seus desenhos, pinturas e objectos devem ser observados com seriedade e não com falsas apreciações ou exageradas manifestações de êxtase, decepção ou indiferença. (Gonçalves, 1991, p. 7)

O mundo do desenho da criança é estruturalmente diferente do mundo do adulto. Tem valores e leis particulares, características próprias, fases de evolução próprias, desde a garatuja (com cerca dos três anos de idade), ao desenho figurativo (com cerca de quatro, cinco anos de idade). “Aos 3-4 anos, imita a escrita do adulto, fazendo traços horizontais e paralelos, oscilantes e em ziguezague, (...), querendo com isso transmitir algo, lendo ela própria o que escreveu (...)”. (Gonçalves, 1991, p. 7)

É nesta fase que surge o sentido figurativo, onde a criança representa simbolicamente as pessoas, os animais, os objectos. São representações subjectivas ou intencionais, que não são fáceis de identificar pelo adulto. A sua interpretação só a criança a consegue realizar.

Com cerca de quatro anos, a criança representa a figura humana sob a forma de girino ou cabeçudo. Quatro segmentos, que representam os membros, ligam-se directamente a um círculo, que representa a cabeça.

Aos cinco anos de idade, a criança já consegue representar a figura humana de um modo mais completo e mais pormenorizado.

Por volta dos seis anos de idade, a cor do cabelo, o tamanho, e outros pormenores, já estão presentes no desenho da criança.

Os desenhos das crianças são essencialmente ideográficos, onde a criança desenha tudo aquilo que vê e sente. O desenho é utilizado como forma de expressão dos seus sentimentos, das suas vivências, das suas ideias e por vezes dos seus desejos.

A criança gosta de cor, de muita cor. “O seu instinto de pintura opta por fortes contrastes de cores, não delimitadas por contornos rigorosos.” (Gonçalves, 1991, p. 50). Humaniza objectos, a natureza, tudo o que a rodeia, dando largas ao seu mundo anímico. Utiliza a transparência para representar aquilo que não se consegue ver, como por exemplo, as pessoas dentro de casa. Os seus desenhos são detentores, muitas vezes, de uma perspectiva afectiva que a criança tem sobre as coisas. Por exemplo, quando desenha os seus amigos, a criança desenha o seu melhor amigo maior do que todos os outros.

Por norma a criança, dá maior relevo àquilo que a marcou mais. Se numa história, a criança se sente marcada por uma das personagens, quando a representa dá-lhe maior ênfase, destacando-a de todas as outras, ou pelo tamanho (que é a mais comum), ou pela cor (maior exuberância).

Os elementos de um desenho de uma criança não são representados de uma forma realista. O tamanho das figuras e o lugar que ocupam na folha de papel são determinados por uma “perspectiva afectiva”, como já foi referido anteriormente.

Foi por todos estes motivos que são de grande relevância, que selecionei o desenho como um dos métodos de pesquisa utilizados neste trabalho.

A criança sente imenso prazer em desenhar. Através do desenho tem a liberdade de se exprimir sem rodeios. Não é por acaso, que vários, ou quase todos os, psicanalistas recorrem aos desenhos das crianças para as “estudarem”. Por norma o tema do desenho da criança é ela própria. O desenho pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. “Pode tornar-se como um apoio que procuram naturalmente – ainda de modo inconsciente – cada vez que alguma coisa os aborrece;

um amigo à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tornam inadequadas.” (Lowenfeld, 1954, p. 19)

Pretendo através dos desenhos que as crianças realizaram, entender o significado e a interpretação que as crianças dão aos contos de fadas. Verificar ao que dão mais significado e importância. O que é que foi mais relevante para elas.

6. Procedimentos

6.1. Cronograma da Investigação

Esta investigação teve início em Outubro de 2013, visto o mês de Setembro ser o mês de adaptação ao Jardim de Infância, para muitas crianças (neste caso dezoito), tornando-se difícil de implementar um tema de trabalho neste mês.

No mês de Outubro começamos por abordar as histórias, tema que teve uma grande receptividade por parte das crianças. Todas elas sem excepção gostam de ouvir histórias.

No entanto, algumas crianças, nomeadamente as mais pequenas, têm receio de algumas das personagens dos Contos de Fadas, como a “bruxa”.

Durante o mês de Novembro fiz um levantamento das histórias que as crianças mais gostam de ouvir.

Em Dezembro fiz uma interrupção, devido à época natalícia, que acarreta consigo uma parafernália de actividades.

Recomecei em Janeiro. contei um conto por mês. Entrevistei as crianças sobre o conto, depois de o terem escutado, e sugeri que desenhassem a parte do conto que mais tinham gostado.

Nos meses seguintes procedi à análise e interpretação de dados obtidos, a fim de concluir este Relatório Final.

Como sou Educadora de Infância, em funções, esta pesquisa foi desenvolvida simultaneamente com a minha actividade profissional.

Quadro 1 – Cronograma da Investigação

Cronograma da Investigação			
Meses	Actividades Desenvolvidas		Orientação Tutorial
Setembro de 2013	Mês de adaptação das crianças ao Jardim de Infância		_____
Outubro de 2013	Primeira abordagem aos Contos de Fadas – O que são?		_____
Novembro de 2013	Levantamento dos Contos de Fadas mais populares para as crianças (os da sua preferência)		_____
Dezembro de 2013	Preparação para a Festa de Natal		Acompanhamento em grupo à investigação e Relatório Final
Janeiro de 2014	Segunda abordagem aos Contos de Fadas – O que mais gostam nos Contos de Fadas?		Acompanhamento em grupo à investigação e Relatório Final
Fevereiro de 2014	Conto: “As Três Penas”, dos irmãos Grimm	- Entrevistas às crianças - Desenho das crianças sobre o conto	Acompanhamento individualizado à investigação e Relatório Final
Março de 2014	Conto: “A Gata Borralheira”, dos irmãos Grimm	- Entrevistas às crianças - Desenho das crianças sobre o conto	Acompanhamento individualizado à investigação e Relatório Final
Abril de 2014	Conto: “A Branca de Neve”, dos irmãos Grimm	- Entrevistas às crianças - Desenho das crianças sobre o conto	Acompanhamento individualizado à investigação e Relatório Final
Maio/Junho de 2014	Sistematização e análise dos dados recolhidos e redacção do Relatório Final		Acompanhamento individualizado à investigação e Relatório Final
Julho de 2014	Entrega e defesa do Relatório Final		

Análise de Dados

7. Análise de Dados

7.1 Recolha de Dados

Como já referi anteriormente, selecionei três Contos de Fadas dos Irmãos Grimm e contei-os às crianças em questão, sendo os alvos do estudo do meu estudo. Quer a “Gata Borralheira”, quer a “Branca de Neve”, são contos do conhecimento de todas as crianças. Porém, a versão destes contos que elas conhecem, é a da Walt Disney e não uma das versões mais antigas, como as dos Irmãos Grimm.

O outro conto seleccionado: “As Três Penas” foi pelo facto de o grupo se caracterizar por uma grande maioria de crianças de três anos e muitas delas serem as mais novas (entre irmãos). Deste modo, poderia surgir alguma sintonia ou empatia entre as crianças por este conto.

Através do conto destes Contos de Fadas, queria observar as brincadeiras das crianças que decorrem sempre que se conta um conto ou uma história. Com qual personagem se identificam? Como é que brincam a este Conto de Fadas? Como dividem as personagens? Quem é quem?, entre outras questões.

Posteriormente a esta observação foram realizadas entrevistas individuais, a cada criança, com a finalidade de compreender o que tinham retido ao conto em questão. Por fim, solicitei às crianças que desenhassem o que mais tinham gostado de cada conto que escutaram, para verificar através do desenho, mais uma vez, a que parte do Conto deram as crianças mais relevância.

Todas as crianças participaram nesta recolha de dados, quer através da observação, quer das entrevistas, quer dos desenhos.

7.2. Instrumentos de Recolha de Dados

Durante este processo de observação, fui recolhendo algumas notas de campo. Algumas delas irão ajudar a compreender as questões colocadas. Para além da observação, como já foi referido anteriormente, realizei entrevistas e solicitei às crianças que desenhassem o que mais gostaram nos contos que lhes foram contados.

As actividades foram incluídas nas rotinas da sala de actividades, deste modo as crianças não notaram qualquer diferença, quer de comportamento, quer de ambiente. Uma das nossas rotinas, na sala, é por volta das 9h 30m sentarmo-nos co “Cantinho da Conversa”, para conversarmos, contarmos as crianças que estão presentes e verificar quem é que falta. Esta conversa matinal é o mote para desenvolvermos as nossas actividades diárias.

7.3.Análise dos dados recolhidos

Em Outubro fiz a minha primeira abordagem ao tema, questionado as crianças sobre o mesmo.

“Meninos, para vocês o que são Contos de Fadas?”

“Para mim são histórias que levam fadas”, respondeu a Leonor (cinco anos).

“São fadas que levam os dentes à feira”, disse o Pedro (três anos).

“São histórias encantadoras”, disse a Joana (cinco anos).

“Eu acho que são histórias”, respondeu o Francisco (três anos).

(Nota de Campo de Outubro de 2013)

Na primeira abordagem podemos verificar que as crianças relacionam os Contos de Fadas com histórias que têm como personagens fadas. Que são consideradas, para algumas crianças, histórias encantadoras. No entanto, para as crianças mais novas, de três anos, os Contos de Fadas já não são de tão fácil explicação. Fazem associações relativamente a outras situações onde existem fadas, como a fada dos dentes, e consideram os Contos de Fadas, só como histórias, sem serem detentoras de algo mais significativo.

A segunda abordagem realizada teve como objectivo descobrir quais os Contos que as crianças mais gostavam de ouvir, para deste modo ir ao encontro dos seus interesses.

“Quais são as vossas histórias favoritas, aquelas que mais gostam que vos contem?”, Indaguei.

“Aqueles que levam princesas e fadas”, respondeu a Maria Inês (quatro anos).

“Eu gosto da história da Branca de Neve”, respondeu a Rosa (três anos).

“Eu também gosto da história da Raposa e do Ganso, a minha mãe costuma-me contar”, disse a Joana (cinco anos).

“A minha mãe também já me contou a da Cinderela, e eu gosto muito”, disse a Yaroslava. (cinco anos).

(Nota de Campo de Novembro de 2013)

Através destas notas de campo podemos constatar que as crianças gostam de ouvir histórias fantasiosas, que têm como personagens fadas e princesas, que fazem parte da sua imaginação. Para além dessas histórias, o que a criança também aprecia, é o facto de ser um adulto, muitas vezes a mãe, a contar as histórias que elas gostam de escutar. “Em primeiro lugar a história para a criança é um instrumento ideal para reter consigo o adulto. (...) Enquanto ele [o conto] durar, a mãe está ali, toda para a criança.” (Rodari, 2006, p. 162)

Em Janeiro questionei as crianças sobre aquilo que mais gostavam nos Contos de Fadas.

“O que eu mais gosto é das princesas”, respondeu a Rosa (três anos).

“Eu gosto muito dos cavaleiros, quando for grande vou ser um cavaleiro”, disse o Dinis (três anos).

“Eu gosto do final da história, quando eles casam e são felizes para sempre”, respondeu a Joana (cinco anos).

“A minha parte favorita é quando os maus perdem”, disse o Francisco (três anos).

(Nota de Campo de Janeiro de 2014)

As crianças são sonhadoras, e através dos seus sonhos, da sua imaginação conseguem solucionar os seus “problemas”, os seus conflitos. A criança sonha com um final feliz na sua vida real. “ (...) a mensagem que os contos de fadas trazem à criança (...) faz parte intrínseca da existência humana(...) mas que se o homem se não furtar a ela (...) acabará por dominar todos os obstáculos e sair vitorioso”(...)“O conto de fadas simplifica todas as situações.” (Bettelheim, 1995, pp. 15-16)

Esta mensagem que o bem prevalece em detrimento do mal é muito apaziguadora para a criança. Dá-lhe segurança e confiança. E os Contos de Fadas transmitem essa mensagem. O Conto serve para ajudar a criança a construir estruturas mentais, e através delas conseguir estabelecer relações, como entre a criança e o outro, entre a criança e as coisas e entre as coisas verdadeiras e as coisas inventadas. (Rodari, 2006).

Com este levantamento, procedi à escolha dos Contos seleccionados: “As Três Penas”, “A Gata Borracheira” e a “Branca de Neve”. Como já foi referido anteriormente, quer a “Gata Borracheira”, quer a “Branca de Neve”, foram escolhidos para ir ao encontro dos Contos preferidos das crianças e para lhes dar a conhecer uma

versão mais antiga destes Contos. “As Três Penas” foi seleccionado pelo facto de sala existirem dezoito crianças com três anos e muitas das crianças serem “os irmãos mais novos”.

7.3.1. – Análise dos Contos Contados às Crianças

Os Contos seleccionados foram contados durante o período da manhã, no “Cantinho da Conversa”. Antes de começarem a escutar o Conto, as crianças cantaram a canção que utilizamos para ouvir as histórias e procederam, como habitualmente: ouviram a história até ao fim e quando terminou a narração do Conto fizeram os seus comentários, reparos e coloram as suas questões e dúvidas, como é prática educativa da sala.

As crianças desenharam o que mais gostaram dos contos, umas no dia em que ouviram os contos, outras nos dias seguintes. Foram as crianças que decidiram quando iriam desenhar os Contos.

As entrevistas foram realizadas do mesmo modo: umas no próprio dia dos Contos, outras nos dias seguintes. Decorreram de uma forma individualizada, ou seja criança a criança, sem as outras estarem presentes. No momento das entrevistas só ficavam na sala eu (entrevistadora) e a criança em questão (entrevistada).

No dia em que as crianças escutaram o Conto e nos dias seguintes, brincaram ao “faz de conta” do Conto, interiorizando as personagens. Na maior parte das situações, queriam ser o herói, mas nalgumas situações pontuais, também “fizeram” de maus.

Nos Contos de Fadas as personagens ou são boas ou são más, não existem personagens mais ou menos boas ou mais ou menos más. (Bettelheim, 1995). Por vezes, o mal é detentor de alguns atractivos, como o poder. E o mal também pode ser didáctico, porque nos indica o caminho que não devemos sair. Nos Contos o mal é sempre vencido pelo bem e o bem acaba sempre por ser triunfador.

No Conto “**As Três Penas**”, eu no papel de “Contadora de Contos”, narrei o Conto até ao fim. As crianças escutaram com muita atenção e não houve interrupções.

No final do Conto, as crianças mostraram que escutaram o Conto com muito agrado e mostraram-se muito receptivas para desenharem aquilo que mais tinham gostado do Conto.



Imagem 1 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Rosa (três anos)

Para a Rosa, o *tapete* do Conto, teve tal importância que o desenhou com um tamanho que preencheu mais de meia folha. Muito colorido e muito grande. Pintou “aglomerados de cores” (Gonçalves, 1991). A expressão do desenho é motivada pelas partes do Conto que mais a impressionou. Neste caso o tapete. Dá especial relevância também à *rã*, destacando-a no seu desenho (boneco a verde sem braços).

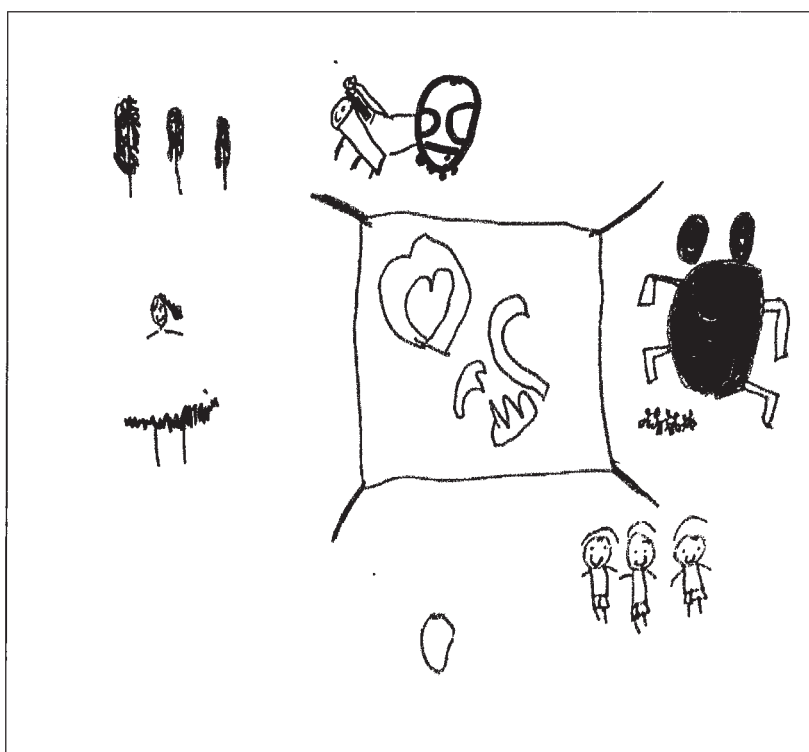


Imagem 2 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Joana (cinco anos)

Já a Joana que é uma menina de cinco anos de idade, deu importância a vários pormenores do Conto. Destacou a *rã*, que desenhou muito grande e até maior do que os três irmãos da história. Desenhou os presentes que o *Tonto* entregou ao rei, seu pai: o *tapete*, o *anel* e a *donzela*. Nos três irmãos, não os diferenciou a nível de tamanho, sendo estes ilustrados com o mesmo tamanho. Desenhou *as três penas* e quando foi entrevistada, respondeu do seguinte modo às questões:

“Quais os pedidos do rei aos seus filhos?”

“Um tapete, um anel e uma donzela.”

“O que indicavam as três penas?”

“Para soprar e os filhos encontrarem as coisas, uma virou à direita, outra virou à esquerda e a outra caiu no chão.”

“A quem é que o rei deu o seu reino?”

“Ao filho mais novo, porque tinha tudo mais lindo.”

(Entrevista realizada em Fevereiro de 2014)

Estes contos não são ilustrados, o que permite à criança imaginar todas as personagens e situações. A criança desenha como sente o Conto. O desenho infantil é essencialmente ideográfico. A criança representa aquilo que apreende e que teve mais significado para ela. “A criança representa em tamanho maior (...) alguns animais e objectos (...) devido a perspectiva afectiva (...)” (Gonçalves, 1991, p. 10).

Talvez a *rã* simbolize para a Joana a ajuda externa que por vezes necessita para realizar as coisas.

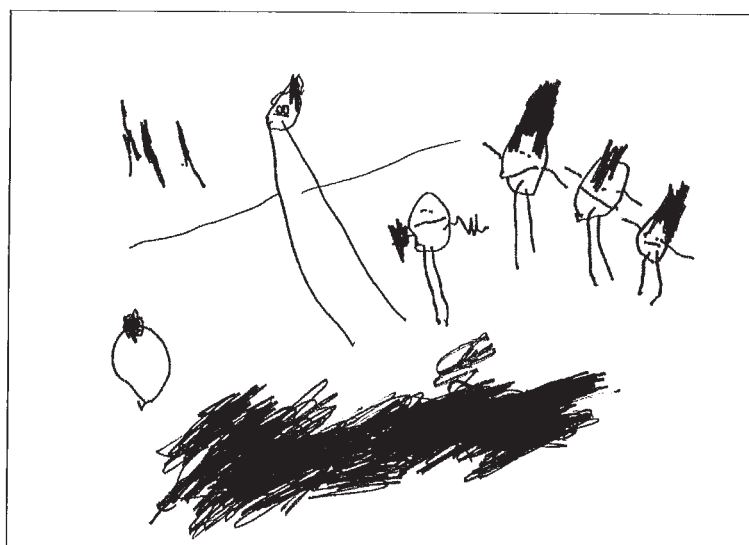


Imagem 3 – Desenho ilustrativo do Conto “As Três Penas” – Dinis (Três anos)

Nesta ilustração do Dinis, que é uma criança das mais novas, com três anos de idade, também verificamos os elementos simbólicos deste conto: *as três penas, o tapete, o anel, a donzela, os três irmãos e a rã* (a figura maior desenhada a castanho). Mais uma vez a *rã* aparece destacada das outras figuras. Grande e com destaque na folha de desenho, representada no centro da folha. O Dinis, por coincidência é o terceiro filho e o irmão mais novo.

As crianças mais novas conhecem as suas limitações e identificam-se com o irmão mais novo. A criança pequena sente-se inapta perante o mundo real, para ela todos os outros sabem mais do que ela. (Bettelheim, 1995). Deste modo necessitam de uma ajuda externa para resolverem os seus conflitos ou as suas dificuldades.

Quando foi entrevistado o Dinis respondeu do seguinte modo:

“Quais os pedidos do rei aos seus filhos?”
“Um tapete, um anel e uma menina.”
“O que indicavam as três penas?”
“Para ver o caminho onde eles iam, para encontrar o caminho com o vento.”
“A quem é que o rei deu o seu reino?”
“Ao Tolo.”

(Entrevista realizada em Fevereiro de 2014)

O desfecho destes contos ensina à criança que ela que é considerada mais frágil, menos hábil, no entanto, vai superar todas as suas dificuldades e vai sair vitoriosa. (Bettelheim, 1995)

As crianças entenderam o simbolismo que estava contido neste conto. Podemos verificar que todas elas responderam de uma forma correcta às questões que lhes foram colocadas na entrevista. No desenho descritivo, as crianças deram mais ênfase aos pormenores que para elas tiveram mais relevância. Assim, podemos depreender que a *rã* e as *três penas*, foram os “eleitos” pelas crianças.

No conto a “**Gata Borralheira**”, procedi do mesmo modo, que no Conto “As Três Penas”: Conteí o conto até ao fim, sem interrupções por parte das crianças. No final as crianças teceram os seus comentários relativamente a este conto e conversaram sobre ele.

Como era um Conto já conhecido, preveni-os, que este seria em alguns aspectos diferente. Como já foi referido anteriormente, este Conto, da “Gata Borralheira” e o da “Branca de Neve”, são conhecidos pelas suas versões da Walt Disney. Nestas versões existem algumas omissões e algumas alterações relativamente às versões mais antigas.

Este conto foi contado por mim, no mês de Março. Achei importante existir um tempo alargado entre os dois contos, para haver uma melhor assimilação de cada um deles. “ (...) a assimilação representativa é caracterizada pelo facto de que os objectos não actualmente perceptíveis aos quais é assimilado o objecto percebido são evocados graças a “significantes” que os tornam presentes ao pensamento, na ausência de uma presença real.” (Piaget, 1971, p. 351).

A “Gata Borralheira” é um conto que sendo mais pormenorizado, requer mais atenção. Mas como é dos Contos mais conhecidos e apreciados, mesmo as crianças mais pequenas, estiveram com atenção. Ao longo de todo o ano lectivo, as crianças foram desenvolvendo a sua capacidade de atenção, “oração da escuta”, através de muitas histórias que lhes foram narradas.

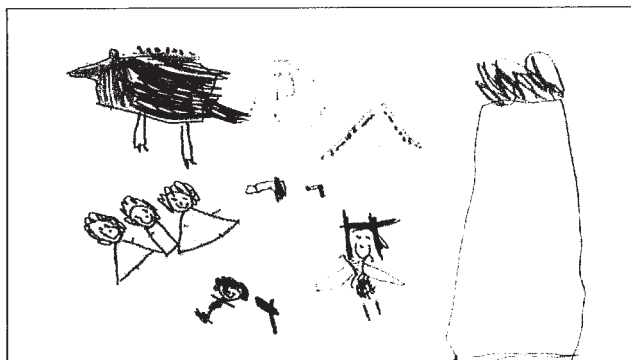


Imagem 4 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Leonor (cinco anos)

Leonor é uma criança de cinco anos, e deu especial relevância à *árvore*, como se pode verificar pelo tamanho que ocupa no desenho. A *árvore* é a ligação da Gata Borralheira com a sua falecida mãe. Uma possível leitura é, para esta menina, que a sua mãe seja o seu centro, seja a sua referência, como para a maior parte das crianças.

Não diferencia a *madrasta das meias-irmãs*, desenhando-as da mesma maneira, com o mesmo tamanho e com as mesmas cores. Desenha o *cavalo*, também com alguma relevância, pelo seu tamanho e talvez por ser o fim da sua vida angustiante. No *cavalo* estão umas pequenas gotas de sangue, o sangue que as meias-irmãs perderam quando se auto mutilaram para que a chinela lhes servisse. Desenha ainda o *príncipe*, a *Gata Borralheira*, a *casa* e as *escadas* onde a chinela ficou presa.

Quando foi entrevistada, respondeu do seguinte modo:

“O que aconteceu à mãe da Gata borralheira e o que é que ela lhe pediu?”

“A mãe morreu e pediu à Gata Borralheira para ela ser boazinha.”

“Com quem casou o pai?”

“Com uma madrasta.”

“Quais os pedidos das meias-irmãs e da Gata Borralheira ao seu pai quando partiu de viagem?”

“A mais velha pediu roupas bonitas a outra queria pedras preciosas e a Gata Borralheira pediu um ramo e pôs o ramo na mãe e cresceu uma árvore.”

“Quem é que realizou um baile e porquê?”

“O príncipe porque queria casar.”

“Quem ajudou a Gata Borralheira?”

“Os passarinhos e a árvore.”

“Onde deixou a chinela?”

“Nas escadas, porque ia a correr e ficou preso.”

“Qual o final da história?”

“A Gata Borralheira casou com o príncipe porque experimentou o sapatinho e ele servia-lhe. As irmãs foram castigadas por serem más e tinham sangue no sapatinho e ficaram cegas.”

(Entrevista realizada em Março de 2014)

Mais uma vez, no final do conto, deparamo-nos com o final feliz. Este final feliz é tranquilizante para a criança. A Leonor, por exemplo, reteve o Conto quase na íntegra. É uma menina de cinco anos que já consegue reter muita informação. Desconhecia, no entanto, esta versão dos Irmãos Grimm e mostrou alguma surpresa quer pelos cortes auto infligidos das meias-irmãs, quer pelo final do Conto, onde as duas ficam cegas.

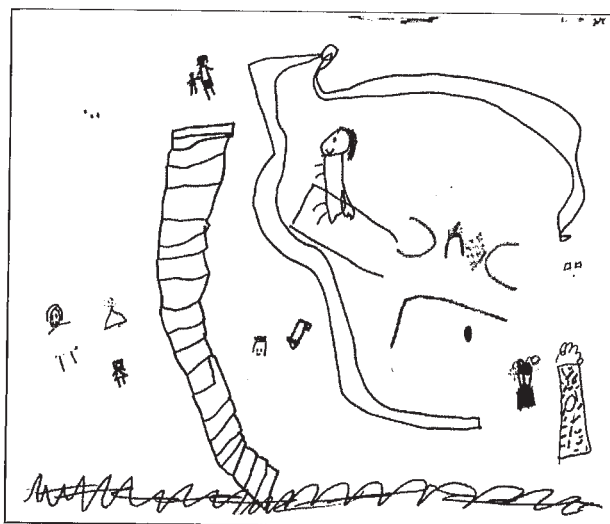


Imagem 5 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Joana (cinco anos)

A Joana desenhou quase o Conto na íntegra. Desenhou a *Gata Borralheira*, as duas *meias-irmãs*, a *madrasta*, o *rei*, a *árvore*, o *caminho* para casa, as *escadas do palácio* e ao cimo das escadas a *Gata Borralheira com o príncipe*, o *cavalo* e a *chinela* perdida.

Deu mais relevância às escadas onde o sapatinho ficou preso e quando foi entrevistada respondeu do seguinte modo:

“O que aconteceu à mãe da Gata borralheira e o que é que ela lhe pediu?”

“Morreu e pediu à Gata Borralheira para ela ser boa.”

“Com quem casou o pai?”

“Com uma madrasta.”

“Quais os pedidos das meias-irmãs e da Gata Borralheira ao seu pai quando partiu de viagem?”

“Roupas bonitas, pérolas e a Gata Borralheira pediu uma avelaneira, para pôr na mãe.”

“Quem é que realizou um baile e porquê?”

“O rei, porque queria que o príncipe casasse.”

“Quem ajudou a Gata Borralheira?”

“Os passarinhos.”

“Onde deixou a chinela?”

“Nas escadas, ela ia a correr.”

“Qual o final da história?”

“A Gata Borralheira casou com o príncipe porque ela era a mais bela e ficaram juntos para sempre. Ela não tinha sangue no sapatinho.”

(Entrevista realizada em Março de 2014)

A Joana deu especial importância ao “ficaram juntos para sempre”, que também significa que o Conto chegou ao fim. A Gata Borralheira ficou com o seu príncipe no final do conto. Depois de todas as provas por que teve de passar.

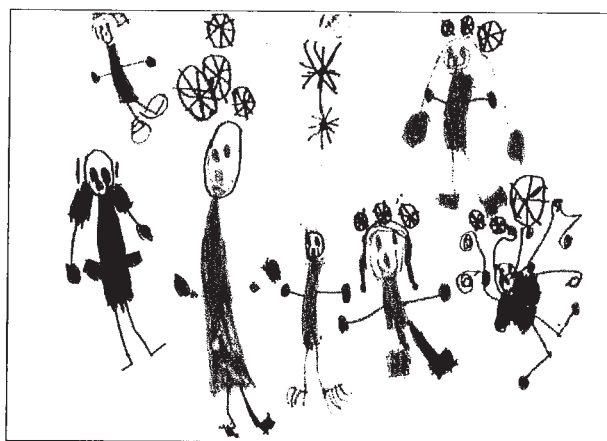


Imagem 6 – Desenho ilustrativo do Conto “A Gata Borralheira” – Rosa (três anos)

A Rosa deu mais relevância à *Gata Borralheira*, desenhando-a maior do que todas as outras personagens. Desenhou também o *príncipe*, as *duas meias-irmãs*, a *madrasta*, o *pai* da Gata Borralheira e o *rei*. Não desenhou os outros pormenores do Conto; só as personagens. No entanto, quando a entrevistei respondeu do seguinte modo:

“O que aconteceu à mãe da Gata borralheira e o que é que ela lhe pediu?”

“Morreu e pediu para ela ser uma menina boa.”

“Com quem casou o pai?”

“Com outra mulher.”

“Quais os pedidos das meias-irmãs e da Gata Borralheira ao seu pai quando partiu de viagem?”

“Pérolas e a Gata Borralheira pediu um ramo para pôr no sítio onde a mãe mora e ficou uma árvore.”

“Quem é que realizou um baile e porquê?”

“O rei, para ser uma festa e o príncipe casar.”

“Quem ajudou a Gata Borralheira?”

“Os pássaros e a árvore.”

“Onde deixou a chinela?”

“Na escada porque caiu do pé e ficou preso.”

“Qual o final da história?”

“As irmãs cortaram o dedo para caber o sapatinho e ficou com sangue. A Gata Borralheira calçou o sapatinho e serviu e o príncipe casou com ela por ela ser a verdadeira.”

(Entrevista realizada em Março de 2014)

Embora não tenha desenhado todos os pormenores, a Rosa reteve o Conto. Para ela a avelaneira era o local onde vivia a mãe da Gata Borralheira e descreveu-a como sendo a verdadeira. Sendo as meias-irmãs as falsas.

A Gata Borralheira saiu vitoriosa deste conto, depois de ter ultrapassado todos os obstáculos que surgiram na sua vida. Deste modo as crianças aprendem que também elas podem vencer os obstáculos com que se depararem na sua vida.

Bettelheim (1995) afirma que os Contos de Fadas contribuem para que a criança descubra a sua identidade, e que são sugestivos das experiências necessárias para o desenvolvimento do seu carácter.

Neste Conto as crianças deram especial relevância à árvore, por simbolizar a mãe, que para todas as crianças é uma referência. E às meias-irmãs, por terem sido castigadas pela sua maldade. Uma das crianças também desenhou o cavalo, como símbolo de fuga para a liberdade.

No conto a “**Branca de Neve**”, o procedimento foi semelhante aos anteriores. contei o Conto no “Cantinho da Conversa” e de seguida algumas das crianças desenharam o que mais tinham gostado, outras foram brincar e desenharam no dia a seguir. Este Conto foi contado em Abril do corrente ano.

As entrevistas também decorreram da mesma forma. Entrevistei algumas crianças no próprio dia, que me questionaram se eu não o iria fazer, e as outras nos dias seguintes. Sempre entrevistas personalizadas, adulto e criança.

Branca de Neve também é um dos mais conhecidos Contos de Fadas. Nalguns países é conhecido só como “Branca de Neve”, noutros é conhecido como “Branca de Neve e Os Sete Anões”.

A versão contada às crianças, mais uma vez difere da versão por elas conhecida do Walt Disney. A versão dos Irmãos Grimm tem outras situações para além da “maçã envenenada”. Nela a Branca de Neve é três vezes tentada pela sua madrasta em forma de velhinha, e três vezes não resiste à tentação.

Como as crianças que se estão a desenvolver, Branca de Neve cresce neste conto, e passa pelas fases de crescimento que todas as crianças passam até se tornarem adultas.

“Poucos contos de fadas ajudam tão nitidamente o ouvinte a distinguir entre as principais fases de desenvolvimento da meninice como *Branca de Neve*.” (Bettelheim, 1995, p. 255) Este Conto relata-nos essencialmente os conflitos entre mãe e filha. O envelhecimento da mãe devido ao crescimento da filha.

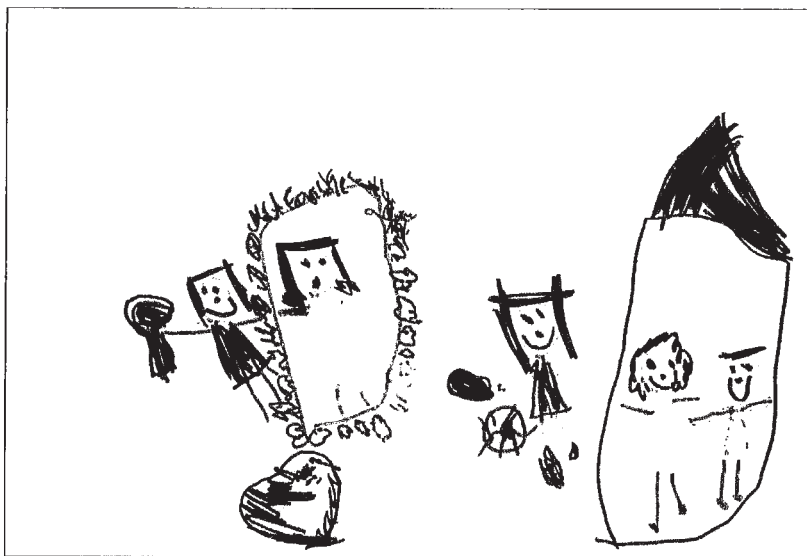


Imagem 7 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Leonor (cinco anos)

A Leonor deu mais relevância à Branca de Neve dentro do seu caixão. Desenhou-a de cabelo preto como o ébano, pela branca como a neve e lábios vermelhos como o sangue. Desenhou ainda o espelho mágico em forma de coração. Desenhou a madrasta disfarçada de velhinha a oferecer-lhe uma maçã vermelhinha. Podemos ainda verificar no desenho, o pente, e ela por fim com o príncipe dentro de uma casa, que seria a palácio do príncipe. Neste caso do palácio a Leonor utilizou uma técnica muito recorrente nos desenhos das crianças que é a transparência. “A criança representa o que se passa dentro de casa, como se as paredes fossem transparentes” (Gonçalves, 1991, p. 58).

A Leonor respondeu do seguinte modo às questões da entrevista:

“O que mais gostaste deste conto?”

“Da Branca de Neve casar com o príncipe. E foram felizes para sempre.”

“Porque é que a madrasta não gostava da Branca de Neve?”

“Porque era invejosa. A Branca de Neve era a mais bela e ela é que queria ser.”

“Porque é que o caçador não matou a Branca de Neve?”

“Porque ela lhe pediu para não a matar.”

“Quem eram os amigos de Branca de Neve?”

“Eram os sete anões que viviam numa casinha pequenina e trabalhavam numa mina.”

“O que aconteceu no final deste Conto?”

“A Branca de Neve estava numa caixinha de vidro e apareceu um príncipe que a achou tão linda que quis ficar com ela e ela acordou e ficou com o príncipe para sempre.”

(Entrevista realizada em Abril de 2014)

A Branca de Neve teve que adormecer para atingir a sua maturidade, assim como as crianças têm que passar pela adolescência para atingirem a fase adulta. O adormecer e o acordar posteriormente significam o crescimento que se está a processar, “o atingir um estágio mais alto de maturidade e compreensão” (Bettelheim, 1995, p. 271).

A Leonor reteve a ideia que a madrasta não gostava da Branca de Neve porque tinha inveja da sua beleza, como se pode constatar através da entrevista. E também que de alguma maneira ela foi salva pelo príncipe. E o tão desejado “Final Feliz” acontece.

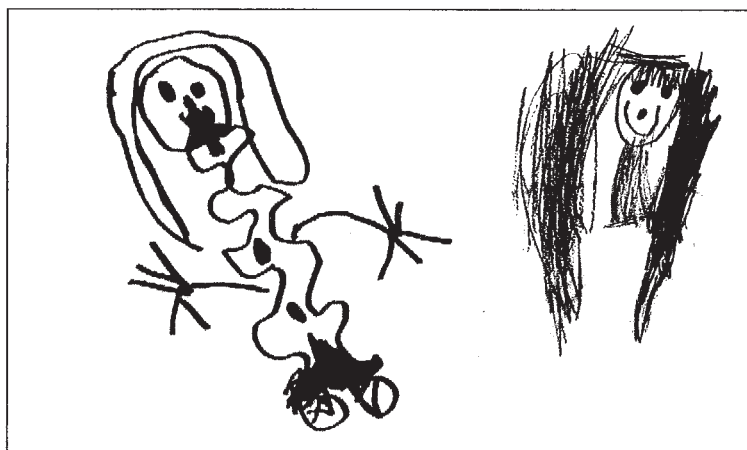


Imagem 8 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Rosa (três anos)

O desenho da Rosa é muito simples. Só tem duas das personagens que o Conto apresenta: a Branca de Neve e a madrasta disfarçada de velhinha.

A Branca de Neve é desenhada como é descrita no Conto: cabelo preto como o ébano, lábios vermelhos como o sangue e a pele branca como a neve. No entanto, a roupa é a imagem apresentada pela Disney: vestido amarelo com o corpete em tons de azul. A Rosa ao escutar o Conto visualizou-o com as imagens da Branca de Neve da Disney e não imaginou outra imagem. A madrasta tem uma aparência de uma velhinha, frágil, que enganou a Branca de Neve por três vezes.

Na entrevista, a Rosa deu as seguintes respostas:

“O que mais gostaste deste conto?”

“Da Branca de Neve ficou com o príncipe e a madrasta calçou os sapatos que estavam muito quentes.”

“Porque é que a madrasta não gostava da Branca de Neve?”

“Porque a Branca de Neve era muito linda.”

“Porque é que o caçador não matou a Branca de Neve?”

“Porque teve pena dela.”

“Querem eram os amigos de Branca de Neve?”

“Eram os sete anões que viviam numa casinha com sete pratos e sete caminhas pequeninas.”

“O que aconteceu no final deste Conto?”

“O príncipe acordou a Branca de Neve e casaram.”

(Entrevista realizada em Abril de 2014)

A Rosa gostou da madrasta ter sido má e ter sido castigada com uns sapatinhos a ferver que teve de calçar e dançar até morrer e de a Branca de Neve ter ficado com o príncipe. O bem prevalece sobre o mal. Mais uma vez, um ensinamento para a vida. Não é benéfico praticar o mal, pois os que o fazem são sempre punidos.

“Estas histórias convencem também o ouvinte de que ele não tem que rejeitar a renúncia da sua posição infantil, (...) depois dos perigosos sofrimentos do período de transição, ele emergirá num plano superior melhor (...), numa existência mais rica e mais feliz” (Bettelheim, 1995, p. 272). A criança necessita passar por todas as vicissitudes próprias da infância, para chegar à fase adulta, para se tornar num adulto.

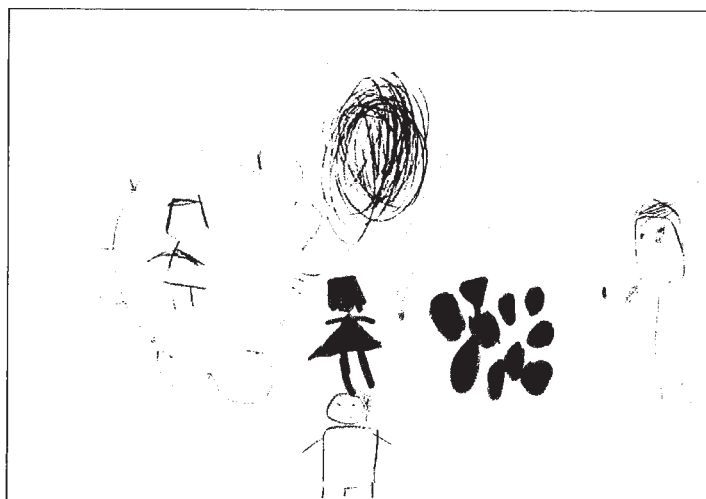


Imagem 9 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Joana (Cinco anos)

No desenho da Joana podemos verificar três fases do Conto: uma em que a madrasta fala com o espelho mágico (desenhado a azul, contornado com rosa); outra em que a Branca de Neve está com a madrasta disfarçada de velhinha e esta está a oferecer-lhe maçãs (o cesto rosa com várias maçãs verdes e só uma vermelha); e por fim a Branca de Neve já inanimada no caixão.

Podemos depreender, que para a Joana todas estas fases ou etapas do Conto foram importantes. Primeiro a parte do conto onde a madrasta questiona o espelho sobre quem é que é mais bela e que ele lhe responde que é a Branca de Neve; em seguida a tentação à qual a Branca de Neve não consegue resistir; e por fim a consequência por não ter resistido, ficar inanimada, como morta num caixão de vidro transparente.

Em relação à entrevista a Joana respondeu do seguinte modo:

“O que mais gostaste deste conto?”

“Da Branca de Neve ficar com o príncipe no fim da história.”

“Porque é que a madrasta não gostava da Branca de Neve?”

“Porque a Branca de Neve era a mais bela de todo o reino.”

“Porque é que o caçador não matou a Branca de Neve?”

“Porque gostou dela e teve pena dela”

“Querem eram os amigos de Branca de Neve?”

“Eram os sete anões que a ajudaram, mas ela tinha que limpar a casa e fazer a comida. Eles disseram-lhe para ela não abrir a porta a ninguém.”

“O que aconteceu no final deste Conto?”

“A Branca de Neve estava numa caixinha de vidro e passou um príncipe que a viu e achou-a tão linda que quis ficar com ela e ela acordou. E eles casaram e foram felizes para sempre.”

(Entrevista realizada em Abril de 2014)

A Joana é das meninas mais crescidas da sala. Vai transitar para o primeiro ciclo no próximo ano lectivo. É uma criança que gosta de escutar histórias e contos e já consegue reter os mesmos.

Podemos verificar pela sua entrevista, que reteve o Conto e que esteve atenta aos pormenores.

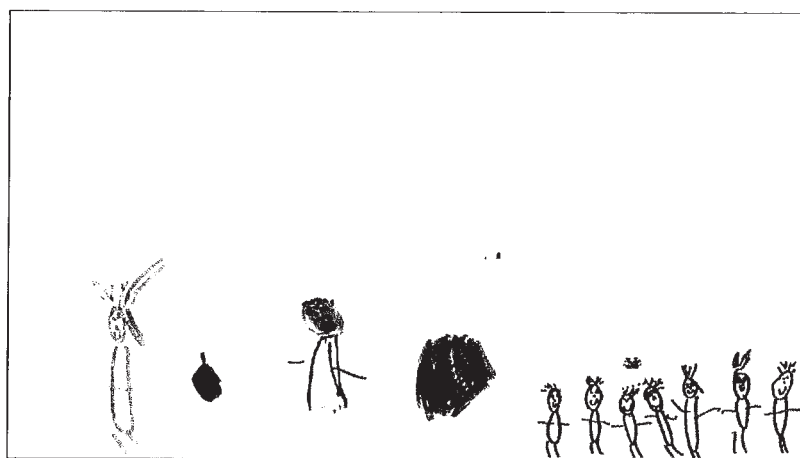


Imagem 10 – Desenho ilustrativo do Conto “Branca de Neve” – Yaroslava (Cinco anos)

Neste desenho da Yaroslava podemos verificar muitos pormenores do Conto: os sete anões (desenhados a vermelho), o espelho mágico da madrasta (desenhado a azul contornado de amarelo), a Branca de Neve (com o cabelo preto como o ébano, os lábios vermelhos como o sangue e a pele branca como a neve, que aqui a Yaroslava pintou de cor de pele), a Branca de Neve está com um corpete apertado, está também desenhado um pente a amarelo (por cima dos sete anões), desenhou uma maçã vermelha e a madrasta (de laranja).

A Yaroslava é de origem ucraniana e quando eu contei este conto e expliquei que era um conto diferente daquele que as crianças conheciam do Walt Disney, a Yaroslava disse que já conhecia este conto, que a mãe já tinha contado esta história desta maneira. Talvez por isso, tenha dado relevância a estes três elementos de tentação - o corpete, o pente e a maçã - aos quais a Branca de Neve não conseguiu resistir.

A Yaroslava respondeu da seguinte forma, quando a entrevistei:

“O que mais gostaste deste conto?”

“Da Branca de Neve e do príncipe.”

“Porque é que a madrasta não gostava da Branca de Neve?”

“Porque ela era linda.”

“Porque é que o caçador não matou a Branca de Neve?”

“Porque teve pena dela.”

“Querem eram os amigos de Branca de Neve?”

“Eram os sete anões que viviam na casa pequena que a Branca de Neve encontrou quando estava perdida na floresta.”

“O que aconteceu no final deste Conto?”

“A Branca de Neve ficou com o príncipe, depois de ele a ter visto na caixinha de vidro e ter pedido aos anões para ficar com ela. Depois ela acordou e ficou com ele. Casaram e foram muito felizes.”

(Entrevista realizada em Abril de 2014)

Esta foi a única criança que desenhou as três tentações da Branca de Neve - o espantalho, o pente e a maçã. Talvez por já conhecer esta versão do conto também por ser a mais velha do grupo.

Neste Conto os símbolos da tentação de Branca de Neve, como o corpete, o pente e a maçã tiveram impacto nas crianças, que os desenharam nos seus registos descritivos. A morte aparente de Branca de Neve não lhes causou medo nem angústia. Escutaram o Conto até ao fim sem mostrar que estavam receosos. A madrasta também

foi uma personagem que teve relevância para as crianças. Desenharam-na quase com a mesma importância que desenharam a Branca de Neve. A Rosa desenhou as duas personagens com o mesmo tamanho, o que revela que para ela, as duas estavam equiparadas. Era uma luta entre o bem e o mal.

Em suma, através da análise que acabou de ser realizada, podemos verificar que as crianças compreendem o simbolismo dos Contos de Fadas. Dão especial relevância àquilo que para elas tem mais importância. Pode diferir de criança para criança, dependendo do seu estado emocional, da sua maneira de ser e da sua situação familiar. Através dos seus desenhos descritivos, do seu comportamento e das entrevistas que lhes foram realizadas, é possível afirmar que as crianças interpretam os Contos de Fadas de uma maneira colectiva, em que é a realidade para todas. E de uma forma individualizada, em que cada criança se sente tocada à sua maneira pelo Conto.

Considerações Finais

8. Considerações Finais

Este trabalho de investigação, denominado Relatório Final, tem como finalidade dar uma perspectiva dos aspectos fundamentais que foram tratados e abordados ao longo da investigação.

Demostrou-se de grande importância, para mim, enquanto Educadora de Infância, visto já exercer há quase vinte anos, e de o tema tratado, os Contos de Fadas ocupar um lugar de destaque na minha docência. No entanto, eram contados e trabalhados com alguma ligeireza e desconhecimento aprofundado sobre o seu simbolismo.

Assim, alarguei o meu leque de conhecimentos, aprendi coisas novas, que desconhecia e que se revelaram de grande interesse no decorrer desta investigação. Foi com grande empenho que o realizei, visando a vantagem que me iria proporcionar no futuro da minha actividade profissional como Educadora de Infância.

No início deste Relatório tinha como objectivo: “Identificar e conhecer alguns Contos de Fadas”. Neste trabalho, investiguei e reflecti sobre a minha acção educativa, com a intenção de aperfeiçoar a minha docência. Ao longo deste tempo, em que decorreu esta investigação, fui cuidando do gosto e do interesse por estes Contos do Maravilhoso e vulgarmente conhecidos por Contos de Fadas. As crianças despertaram para esta temática tão diversa e tão rica de conteúdos. A alegria e a vontade que as crianças demonstraram quando se contaram os contos, foi para mim de grande satisfação. As crianças escutaram versões diferentes dos contos que eram por elas sobejamente conhecidos como a “Gata Borralheira”, também conhecida por “Cinderela” ou a “Branca de Neve”.

Esta motivação demonstrada pelas crianças foi de grande incentivo para a continuidade do meu trabalho e teve também o papel de “reforço positivo”. Se, por ventura, as crianças não tivessem demonstrado qualquer interesse nesta temática, teria muito provavelmente de alterar o meu “problema” de investigação para outro que fosse do seu agrado e do seu interesse.

Outro dos meus objectivos era: “Compreender o simbolismo dos Contos de Fadas”. O Enquadramento Teórico foi de grande auxílio, enquanto Educadora informada, crítica e actualizada. Foi o suporte literário, científico, para alicerçar o meu trabalho. Sem ele, este trabalho de investigação não teria valor. Com este suporte

teórico, surgiu a vontade de ainda aprender mais sobre esta temática e de aprofundar, ainda mais, os meus conhecimentos.

Por fim, “Entender o significado e a interpretação que as crianças dão aos Contos de Fadas”, era o último objectivo que me proponha atingir. Deste modo, a Metodologia também desempenhou um papel de grande importância, neste processo. Apoiou-me na compreensão dos processos de pesquisa e na recolha de dados. A Análise de Dados mostrou-me que foi, e é possível realizar este tipo de pesquisa com crianças de três, quatro e cinco anos de idade de uma maneira interessante e lúdica.

Verifiquei que algumas das crianças demonstraram que se identificaram com alguns dos pormenores dos contos escolhidos. Que deram mais relevância a determinado acontecimento em detrimento de todos os outros. Através dos seus desenhos descritivos verifiquei quais as personagens a quem deram mais destaque e através das entrevistas qual o seu entendimento sobre o conto escutado.

No entanto, a mensagem por eles apreendida, e a leitura que fizeram, não é passível de ser avaliada neste trabalho. Em primeiro lugar porque não era esse o objectivo, em segundo, porque essa investigação remeteria para um período mais alargado de investigação e para o foro da Psicanálise.

Os Contos de Fadas fazem parte do imaginário da criança, e através deles a criança consegue perceber que a vida é um processo conturbado, com altos e baixos, com alegrias e tristezas e que sem essas vicissitudes a vida não tinha o valor que tem. Que temos que nascer e crescer para atingirmos uma fase plena, adulta. Que o crescimento é a fase que acarreta consigo maiores desaires mas também os maiores triunfos, as maiores alegrias. Que a nossa vida se pode transformar num Conto de Fadas, basta para isso sermos íntegros. O bem vence sempre no fim. E é esta esperança que é tão importante na formação das nossas crianças. Esta educação pela prática do bem em detrimento do mal.

As crianças nesta fase (pré-escolar com três, quatro e cinco anos) aprendem, muito, através do exemplo, do denominado “mimetismo”, ou seja pela imitação. Os Contos de Fadas podem e devem servir de exemplo. E cabe-nos a nós, profissionais da área da educação, coloca-los no nosso currículo de sala. Dá-los a conhecer às nossas crianças. E não ter receio de dar a conhecer as versões mais antigas, que são menos apelativas do que aquelas que elas conhecem, nomeadamente as dos filmes do Walt Disney.

O/A Educador/a tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. E a leitura de Contos de Fadas deve ser estimulada. Através desta leitura a criança consegue falar dos seus medos, das suas angústias, das suas inseguranças sem se expor directamente. Os Contos de fadas contribuem para que a criança consiga falar sobre os seus sentimentos, medos e incertezas através das personagens. Este facto contribui para uma maior auto-estima da criança, que aprendeu de uma forma lúdica a lidar com os seus problemas. Eles podem ser mesmo terapêuticos, porque através deles, as crianças solucionam os seus problemas. E o/a Educador/a que conta Contos de Fadas às suas crianças, está a auxiliá-las na resolução dos seus problemas. Está a ajudá-las a crescerem com mais confiança e com mais auto-estima. Deste modo, o/a Educador/a deve permitir que a criança se expresse livremente sem fazer comentários pejorativos ou jocosos, que por vezes acontece (com alguns Educadores).

Os Contos dão detentores de uma infinidade de potencialidades. Cabe-nos a nós Educadores tirar partido desse conhecimento. Tratam a vida de uma forma transversal. Tratam a vida de uma forma plena. E é, metaforicamente falando, esta pedra preciosa que tem que se lapidar consoante o público-alvo. Temos que conhecer muito bem o grupo de crianças com quem trabalhamos, para que deste modo, possamos seleccionar os Contos a serem contados. E também auscultar quais os contos da sua preferência, porque também esta preferência tem razão de ser. Se a criança prefere um determinado conto, é porque esse conto lhe transmite algo com o qual ela se identifica.

Através dos Contos podemos, enquanto Educadores, trabalhar todas as áreas de conteúdo e sobretudo a imaginação. Imaginação que é de extrema importância para que a criança cresça e se desenvolva de uma forma adequada. A imaginação que se vai estruturando com a ajuda dos Contos de Fadas e que é de grande auxílio para o conhecimento do real. A imaginação como fantasia é criadora. A criança cria o seu pensamento através da fantasia e da sua imaginação.

Os Contos de Fadas falam-nos sobre mundos fantásticos, mas nem por isso menos verdadeiros que a realidade. Estão carregados de simbolismo que ajudam a dar significado a diferentes acontecimentos da nossa vida e da criança.

Os desafios da educação levam o/a Educador/a a traçar um caminho que visa o aperfeiçoamento através de informação/formação, para que permita responder às questões prementes e específicas em educação e de modo a contribuir para que a escola seja simultaneamente eficaz e gratificante.

Os contos de Fadas são portadores de valores cívicos, e desenvolvem não só a imaginação da criança através da linguagem simbólica, como também transmitem valores morais nas suas mensagens. Os valores contidos nos contos são revelados de um modo personificado pela simbologia mágica transmitida pelas palavras e pela descrição dos acontecimentos existentes no decorrer do Conto. A criança identifica-se maioritariamente com o herói do Conto. E com ele percorre o caminho atribulado em busca da felicidade.

É cada vez mais importante que as crianças tenham consciência da igualdade, da responsabilidade, da justiça, da felicidade. O Jardim de Infância surge como um local privilegiado, um espaço de eleição na formação da criança, pois é nesse espaço que as crianças passam a maior parte do seu tempo, onde existe uma grande diversidade cultural. E as narrativas assumirem um papel preponderante na Acção Educativa do/a Educador/a.

8.1 Constrangimentos

Como foi referido na Introdução, o grupo de crianças com o qual foi realizada esta investigação, era um grupo atípico, pois na sua constituição existiam dezoito crianças do grupo dos três anos. Dentro do grupo heterógeno, o grupo dos três anos era o predominante. Existiam ainda outros dois grupos, um com uma única criança de quatro anos e o outro com cinco crianças no grupo de cinco anos. Sendo detentor desta assimetria o grupo tornou-se mais difícil de trabalhar. Porque o que seriam os interesses das crianças de três anos poderiam não ser os dos cinco. Quando as crianças têm estas diferenças de idade, o/a Educador/a tem que ser muito versátil e saber trabalhar com as diferentes idades em simultâneo.

Quando procedi ao conto dos Contos de Fadas, fi-lo para todos em conjunto, o grande grupo, no “Cantinho da Conversa”. No entanto, quando entrevistei as crianças e quando estas realizaram os desenhos descritivos dos Contos, como já foi referido, fi-lo individualmente.

Constatei então que as crianças mais novas, que ainda não completaram os quatro anos, e só o farão já depois de ingressarem no próximo ano lectivo, tiveram mais

dificuldades em reterem o Conto. O desenho descritivo dessas crianças também ainda é muito pouco descritivo aos olhos do adulto. Já as crianças do mesmo grupo, que já completaram os quatro anos conseguiram reter e descrever o Conto contado. As crianças do grupo dos cinco anos conseguiram realizar as duas actividades sem qualquer dificuldade.

A minha finalidade, ao realizar este Relatório Final, foi sensibilizar os docentes para a prática de contar Contos de Fadas. Eles são portadores do “material didáctico, lúdico e pedagógico” mais rico que alguma vez já se “fabricou”. São de fácil acesso e não é necessário recorrer a grandes gastos. É um apelo à sobrevivência dos Contos de Fadas e à abertura de um horizonte de sonhos e possibilidades para quem os escuta, nomeadamente as crianças. E é, uma exaltação à sua utilidade por aquilo que representaram, que são e continuarão a marcar a nossa sociedade e do ser humano. Tenho como certeza, que este Relatório Final, assim como o Mestrado em EPE, foi uma grande investimento pessoal, enquanto Educadora de Infância, e revelou-se de grande importância para a valorização do meu crescimento pessoal e social.

Este trabalho de investigação ajudou-me a realizar estas constatações a reflectir sobre a minha prática enquanto Educadora de Infância. Ajudou-me a tentar melhorar em prol das crianças com quem trabalho. Ajudou-me a querer saber mais e reflectir sobre as actividades que realizo. Esta minha curiosidade levou-me a querer saber qual a “história onde as minhas crianças moram!”

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um Guia Prático e Crítico*. Porto: Asa.
- Avô, A. B. (1988). *O Desenvolvimento da Criança*. Texto Editora.
- Baganha, I. A. (1989). *Lutar Para Dar Um Sentido À Vida*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Bettelheim, B. (1995). *Psicanálise dos contos de fadas*. Bertrand Editora.
- Calvino, I. (1999). *Sobre o Conto de Fadas*. Editorial Teorema.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário dos Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Lisboa: Teorema.
- Cirlot, J. E. (2000). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Coelho, N. N. (1987). *O Conto de Fadas*. Editora Ática.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina S.A.
- Duran, G. (1964). *A Imaginação simbólica*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.
- Friedmann, A. (2005). *O Universo Simbólico da Criança*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. Raiz Editora.
- Grimm, I. (2013). *Contos Completos*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores.
- Lowenfeld, V. (1954). *A Criança e Sua Arte*. S. Paulo: Editora Mestre Jou.
- Meireles, M. T. (1999). *Elementos e Entes Sobrenaturais nos Contos e Lendas*. Lisboa: Vega.
- Menéres, M. A. (1993). *O Que é Imaginação*. Difusão Cultural.
- Parafita, A. (2001). *Antologia de Contos Populares*. Lisboa: Plátano Editora.
- Piaget, J. (1971). *A Formação do Simbólico da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1984). *A Imagem Mental Na Criança*. Porto: Livraria Civilização.

- Propp, V. (1978). *Morfologia do Conto*. Editorial Vega.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- R.Bogdan, & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia*. Caminho.
- Roldão, M. (2008). *Que Educação Queremos para a Infância - A Educação das Crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Santos, J. d. (s.d.). *Ensaio sobre a Educação I*.
- Silva, F. V. (2011). *Gata Borralheira e Contos Similares*. Circulo de Leitores.
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stake, R. E. (2011). *Pesquisa Qualitativa: Estudando como as Coisas Funcionam*. S. Paulo: Penso.
- Traça, M. E. (1992). *O Fio da Memória*. Porto: Porto Editora.

Outras Referências:

https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Anexos

“Gata Borralheira” – Versão Irmãos Grimm

A mulher de um homem rico ficou doente e, sentindo que o fim estava próximo, chamou a sua única filha à beira da cama e disse: “Querida filha, sê boa e piedosa, que o bom Deus estará sempre do teu lado e eu olharei por ti lá do Céu e ficarei por perto.” E naquele momento fechou os olhos e partiu. A menina ia todos os dias à campa da mãe e todos os dias chorava por ela e era boa e piedosa. Chegado o inverno, a neve cobriu a campo com o seu lençol branco e, quando o sol da primavera a tornou a descobrir, o homem tomou outra mulher.

A mulher trouxe consigo duas filhas alvas e bonitas, mas de corações negros e depravados. Foram tempos difíceis para a pobre enteada. “Mas será que esta gansa tola também tem de se sentar connosco à mesa?”, diziam elas. “Quem quer pão, que faça por ganhá-lo. Fora daqui com a servente da cozinha!” Tiraram-lhe as roupas mais bonitas, vestiram-lhe um avental velho e cinzento e deram-lhe socas de madeira. “Olhem só para a princesinha altiva, que janota que ela está!”, exclamaram elas, rindo e levando-a para a cozinha. Ela tinha de fazer trabalhos pesados de manhã à noite, levantar-se de madrugada, ir buscar água, acender o lume, cozinhar e lavar. Como se não bastasse, as irmãs infligiam-lhe todo o tipo de crueldades imagináveis, zombavam dela e atiravam ervilhas e lentilhas para as cinzas para a obrigar a apanhá-las e a escolhê-las. À noite, morta de cansaço, não tinha cama onde dormir e não lhe restava senão deitar-se junto à lareira, em cima do borralho. E como andava por isso sempre suja e cheia de pó, as outras passaram a chamar-lhe Gata Borralheira.

Aconteceu certa vez que o pai quis ir à feira e perguntou às duas enteadas o que desejavam que lhes trouxesse. “Belas roupas”, disse uma. “Pérolas e pedras preciosas”, disse a outra. “Então e tu, Gata Borralheira”, perguntou ele. “O que queres que te traga?” “Pai, o primeiro ramo que vos acertar no chapéu no regresso a casa, arrancai-o e trazei-mo.” E foi assim que ele comprou belas roupas, pérolas e pedras preciosas para as enteadas e, no caminho de regresso, cavalgando por um arvoredor, um ramo de avelaneira lhe acertou na cabeça e lhe fez cair o chapéu. Ele arrancou o ramo e levou-o consigo. Ao chegar a casa, deu às enteadas o que elas haviam pedido e deu à Gata Borralheira o ramo de avelaneira. A Gata Borralheira agradeceu-lhe, correu para a campa da mãe, onde plantou o ramo de avelaneira, e chorou tanto que as lágrimas sobre

ele vertidas o regaram. Mas o ramo cresceu e tornou-se numa bela árvore. A Gata Borralheira ia à campá todos os dias, três vezes por dia, chorava e rezava, e todas as vezes assomava à árvore um passarinho branco e , quando ela formulava um desejo, o passarinho atirava-lhe a coisa desejada.

Sucedeu, porém que o rei anunciou uma grande festa que deveria durar três dias e para que seriam convidadas todas as donzelas do reino, a fim de que o seu filho pudesse escolher a noiva. As duas enteadas, ao descobrirem que também deviam aparecer na festa, ficaram todas contentes, chamaram a Gata Borralheira e disseram: “Penteia-nos o cabelo, escova-nos os sapatos e aperta-nos os cintos, que nós vamos à boda do palácio do rei.” A Gata Borralheira obedeceu, mas chorava, porque também gostaria de ir ao baile, e pedir autorização à madrasta. “Ó Gata Borralheira”, respondeu-lhe ela, “tu, que estás toda suja e cheia de pó, queres ir ao casamento? Nem sequer tens vestidos nem sapatos e ainda queres danças!” Mas, como aquela continuasse a rogar-lho, ela acabou por dizer: “Atirei-te uma malga de lentilhas para as cinzas. Se conseguires separar as lentilhas em duas horas, deixo-te ir.” A menina foi ao jardim pela porta das traseiras e chamou: “Ó mansos pombos, ó mansas rolas, pássaros todos deste céu, vinde e ajudai-me a escolher

As boas para o tachinho,

As más para o papinho.”

E eis que pela janela da cozinha entraram duas pombas brancas, e depois entraram as rolas, até que por fim os pássaros todos do céu entraram ruflando e adejando rumo às cinzas. E as pombas acenaram com a cabeça e começaram a debicar, *bic, bic, bic*, e então os outros pássaros também desataram a debicar, *bic, bic, bic*, e reuniram todos os grãosinhos bons na malga. Mal passara uma hora e eles já tinham terminado, tornando a voar janela fora. A menina pegou então na malga e levou-a à madrasta, regozijando-se e crendo que agora poderia ir ao casamento. Mas a madrasta disse: “Não, Gata Borralheira, não tens roupa para vestir e não sabes danças. Todos se ririam de ti.” Ela desatou a chorar e a madrasta disse-lhe: “Se me conseguires separar duas malgas cheias de lentilhas das cinzas, poderás ir à festa.” Disse-o, pensando: “Isto não consegue ninguém.” Depois da madrasta ter atirado duas malgas cheias de lentilhas para as cinzas, a menina foi ao jardim pela porta das traseiras e chamou: “Ó mansos pombos, ó mansas rolas, pássaros todos deste céu, vinde e ajudai-me a escolher

*As boas para o tachinho,
As más para o papinho.”*

E eis que pela janela da cozinha entraram duas pombas brancas, e depois entraram as rolas, até que por fim os pássaros todos do céu entraram ruflando e adejando rumo às cinzas. E as pombas acenaram com a cabeça e começaram a debicar, *bic, bic, bic*, e então ou outros pássaros também desataram a debicar, *bic, bic, bic*, e reuniram todos os grãosinhos bons na malga. Mal passara meia hora e eles já tinham terminado, tornando a voar janela fora. A menina pegou então na malga e levou-a à madrastra, regozijando-se e crendo que agora poderia ir ao casamento. Mas a madrastra disse: “Não te serviu de nada. Não vens connosco porque não tens roupa para vestir e não sabes dançar. Serias a nossa vergonha.” E virou-lhe costas e apressou-se a partir com as enfatuadas das filhas.

Uma vez sozinha em casa, a Gata Borralheira dirigiu-se à campa da mãe sob a avelaneira e clamou:

*Treme e trepida, arvorezinha,
Atira sobre mim ouro e pratinha.*

E o pássaro atirou-lhe um vestido dourado e prateado e chinelas debruadas a ouro e prata. Ela enfiou o vestido a toda a pressa e foi a correr para a boda. As irmãs e a madrastra não a reconheceram e julgaram que se tratava de uma princesa de outra terra, tão bela que estava no seu vestido dourado. Que pudesse ser a Gata Borralheira não lhes passou pela cabeça, julgando-a sentada em casa no meio da sujidade, separando as lentilhas entre as cinzas. O príncipe foi ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Não quis dançar com mais ninguém e por isso não a largou nem um momento e, quando aparecia um pretendente e a convidava para dançar, dizia: “Este é o meu par.”

Ela dançou até à noite e depois quis ir para casa. Mas o príncipe disse: “Vou contigo e acompanho”, pois queria ver a quem ela pertencia. Mas ela escapou-lhe e saltou para dentro do pombal. O príncipe ficou à espera até o pai chegar e explicou-lhe então que a menina desconhecida saltara para dentro do pombal. O velho pensou: “Seria a Gata Borralheira?” E tiveram de lhe levar um machado e uma picareta para que ele partisse o pombal a meio – mas não estava ninguém lá dentro. E quando chegaram a

casa, lá estava a Gata Borralheira, deitada no borralho na sua roupa suja, enquanto uma lamparina ténue ardia na chaminé. A Gata Borralheira saltara rapidamente das traseiras do pombal e correra até à avelaneira. Lá despira as belas roupas, depositara-as na campá, e o pássaro tornara a levá-las. Depois, vestira o avental cinzento e regressara às cinzas da cozinha.

No dia seguinte, quando a festa recomeçou os pais e as meias-irmãs já tinham partido, a Gata Borralheira dirigiu-se à avelaneira e disse:

*Treme e terpada, arvorezinha,
Atira sobre mim ouro e pratinha.*

E o pássaro atirou-lhe um vestido ainda mais sumptuoso do que o do dia anterior. E quando apareceu na boda com aquele vestido, todos se pasmaram com a sua beleza. O príncipe, porém, tinha esperado que ela viesse e tomou-a logo pela mão e dançou apenas com ela. Quando apareciam outros pretendentes e a convidavam para dançar, ele dizia: “Este é o meu par.” Chegada a noite, ela quis ir-se embora, e o príncipe foi atrás dela, pois queria ver para que casa ela ia. Mas ela escapou-lhe e correu para o jardim atrás da casa. Havia lá uma árvore alta e bela carregada das peras mais esplêndidas. Ágil como um esquilo, a Gata Borralheira trepou pelos ramos acima e o príncipe ficou sem saber para onde ela tinha ido. Esperou que o pai chegasse e disse-lhe: “A menina desconhecida escapou-se-me e eu acho que ela subiu para a pereira.” O pai pensou: “Seria a Gata Borralheira?” E pediu um machado, com que deitou a árvore abaixo, mas não havia lá ninguém. E quando chegaram à cozinha, lá estava a Gata Borralheira no meio do borralho, como sempre, pois descera pelo outro lado da árvore, devolvera as belas roupas ao pássaro da avelaneira e tornara a vestir o avental cinzento.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs já tinham partido, a Gata Borralheira tornou à campá da mãe e disse à arvorezinha:

*Treme e terpada, arvorezinha,
Atira sobre mim ouro e pratinha.*

E o pássaro atirou-lhe um vestido tão magnífico e tão deslumbrante como ela jamais envergara e as chinelas eram todas douradas. Quando ela chegou à boda,

ninguém sabia o que dizer de maravilhamento. O príncipe dançou só com ela e, quando aparecia um pretendente para dançar com ela, dizia: “Este é o meu par.”

Chegada a noite, a Gata Borralheira quis ir-se embora e o príncipe quis acompanhá-la, mas ela escapou-se-lhe tão depressa que ele não conseguiu seguir. O príncipe, porém, usara de uma artimanha e mandara untar as escadas com pez. E assim, quando a menina ia a descer as escadas, a sua chinela esquerda ficou presa no pez. O príncipe pegou na chinela, que era pequena e graciosa e toda dourada. Na manhã seguinte, foi ter com o pai e disse-lhe: “Casarei apenas e só com aquela a quem este sapato dourado servir.” As duas irmãs ficaram todas contentes, pois tinham ambas belos pés. A mais velha levou o sapato para o quarto para o experimentar e a mãe ficou a assistir. Mas o dedo grande do pé não cabia no sapato, que lhe ficava demasiado pequeno, e a mãe estendeu-lhe então uma faca e disse: “Corta o dedo. Quando fores rainha, não precisarás de andar a pé.” A filha cortou o dedo, enfiou o pé à força no sapato, engoliu a dor e foi ter com o príncipe. E ele tomou-a como noiva, montou-a no cavalo e os dois partiram. Mas tinham de passar pela campá, e na avelaneira estavam pousadas as duas pombas, que arrulharam:

Cucurrucu, cucurrucato,

Olha o sangue no sapato.

O sapato é pequeno

O pé foi talhado.

A noiva real está

À espera noutro lado.

E ele olhou para o pé dela e viu como o sangue brotava do sapato. Fez meia-volta com o cavalo, levou a noiva falsa de regresso a casa e disse aquela não era a noiva verdadeira e a outra irmã deveria calçar o sapato. A irmã levou o sapato para o quarto para o experimentar e os dedos couberam sem problema, mas o calcanhar era grande demais. A mãe estendeu-lhe uma faca e disse: “Corta um pedaço do calcanhar. Quando fores rainha, não precisarás de andar a pé.” A filha cortou um pedaço do calcanhar, enfiou o pé à força no sapato, engoliu a dor e foi ter com o príncipe. E ele tomou-a como noiva, montou-a no cavalo e os dois partiram. Ao passarem a avelaneira, lá estavam pousadas as duas pombas, que arrulharam:

*Cucurrucu, cucurrucato,
Olha o sangue no sapato.
O sapato é pequeno
O pé foi talhado.
A noiva real está
À espera noutro lado.*

E ele olhou para o pé dela e viu como o sangue brotava do sapato e manchava de vermelho as meias brancas. Deu meia volta com o cavalo e levou a noiva falsa de regresso a casa. “Esta também não é a noiva verdadeira”, disse ele “Não tendes mais nenhuma filha?” “Não”, respondeu o homem, só da minha falecida mulher é que tenho uma gata borralheira muito tosca. É impossível que seja ela a noiva.” O príncipe quis que ele a mandasse chamar, mas a mãe respondeu: “Ai não, ela está demasiado suja. Não é apresentável!” Mas o príncipe insistiu e eles tiveram de chamar a Gata Borralheira. Ela lavou primeiro as mãos e a cara e depois foi ter com o príncipe e fez-lhe uma vénia. O príncipe estendeu-lhe o sapato dourado. Ela sentou-se num banquinho, descalçou a pesada soca de madeira e enfiou o pé na chinela, que lhe assentou como uma luva. E quando se ergueu, o príncipe olhou-a nos olhos e reconheceu a bela menina com quem dançara e disse: “É esta a noiva verdadeira!” A madrasta e as irmãs ficaram horrorizadas e pálidas de raiva, mas ele montou a Gata Borralheira no cavalo e os dois partiram. Quando passaram pela avelaneira, as duas pombas arrulharam:

*Cucurrucu, cucurrucato,
Não há sangue no sapato.
O sapato encontrou o pé.
A noiva real já se sabe quem é.*

E tendo proferido tais palavras, voaram da árvore e foram pousar nos ombros da Gata Borralheira, uma à direita, a outra à esquerda, e lá permaneceram.

No dia em que a boda real ia ser celebrada, as duas irmãs falsas apareceram, desejosas de cair nas boas graças da Gata Borralheira e tirar proveito da sua fortuna. Quando o casal de noivos se dirigia para a igreja, a mais velha colocou-se do seu lado direito e a mais nova do seu lado esquerdo. Então as pombas arrancaram um olho a cada uma. Mais tarde, quando o casal saía da igreja, a mais velha seguia à esquerda e a mais

nova à direita. Então as pombas arrancaram a ambas o outro olho. E assim, pela sua maldade e falsidade, as duas irmãs foram condenadas à cegueira até ao fim dos seus dias.

“As Três Penas” – Versão Irmãos Grimm

Era uma vez um rei que tinha três filhos. Dois deles eram espertos e astutos, mas o terceiro não falava muito e era simplório, a quem chamavam Tolo. Quando o rei ficou velho e fraco percebeu que era o fim, não conseguiu decidir a qual dos filhos deixar o reino. Disse-lhes então: “Parti e o que me trouxer o mais belo tapete será o rei após a minha morte.” E para evitar disputas entre eles, levou-os para fora do castelo, soprou três penas para o ar e disse: “Segui o seu voo.” Uma pena voou para leste, outra voou para oeste, mas a terceira seguiu a direito e não voou para longe, caindo no chão pouco depois. E então um irmão seguiu para a direita, outro seguiu para a esquerda, e os dois zombaram do Tolo, que teve de ficar onde a terceira pena caíra.

O tolo sentou-se no chão muito triste, quando, de repente, reparou que ao lado da pena havia um alçapão. Levantou a tampa do alçapão, viu uma escada e desceu por ela. Depois chegou a uma porta, bateu e ouviu alguém lá dentro dizer:

*Criada verde, donzela mirrada
Velha coxa da coxa ossada,
Cãozinho da velha criada,
Saltita acoli, saltita acolá,
Deixa ver quem está
Atrás da porta fechada.*

A porta abriu-se e ele viu uma rã grande e sapuda sentada, rodeada por muitas rãs pequeninas. A rã sapuda perguntou qual era o seu desejo. Ele respondeu: “Gostava de ter o tapete mais belo e mais trabalhado do mundo.” Ela chamou uma rã jovem, dizendo:

*Criada verde, donzela mirrada
Velha coxa da coxa ossada,
Cãozinho da velha criada,
Saltita acolá, saltita acoli,
Traz-me a caixa grande até aqui.*

A rã jovem foi buscar a caixa e a rã sapuda abriu-a, tirou de lá um tapete e deu-o ao Tolo, e era um tapete tão belo e tão trabalhado que não poderia ter sido tecido à face da Terra. O Tolo agradeceu-lhe e regressou à superfície.

Os outros dois tinham tomado o irmão mais novo por tão burro que não acreditavam que ele conseguisse arranjar alguma coisa. “Não precisamos de nos esforçar muito”, disseram. Arrancaram as vestes grosseiras da primeira pastora que encontraram e levaram-nas ao rei. Nessa mesma altura, regressou também a casa o Tolo, levando o seu belo tapete. Ao vê-lo, o rei ficou admirado e disse: “A ser feita justiça, o reino deverá pertencer ao mais novo.” Mas os outros dois não deram paz ao rei e disseram-lhe que era impossível que o Tolo, a quem faltava entendimento em todas as coisas, pudesse vir a ser o rei e pediram-lhe para lhes propor nova prova. Disse então o pai: “Aquele que, de vós os três, me trouxer o anel mais belo, herdará o reino.” Levou-os para fora do castelo e atirou ao ar, soprando, as três penas que eles deviam seguir. Os dois mais velhos seguiram de novo para leste e oeste, enquanto a pena do Tolo voou a direito e caiu ao pé do alçapão. Ele voltou a descer até à sapa gorda e disse-lhe que precisava do anel mais belo do mundo. Ela pediu de imediato que lhe trouxessem a caixa grande, tirou de lá um anel e deu-o ao Tolo. O anel reluzia de pedras preciosas e era tão belo que não podia ter sido feito por ourives algum à face da Terra. Os dois mais velhos riram-se do Tolo por se pôr à procura de um anel dourado, não se deram a qualquer trabalho, tiraram os pregos à roda de uma carroça velha e levaram-na ao rei. No entanto, quando o Tolo apresentou o anel ao rei, o pai voltou a dizer: “O reino pertence-lhe a ele.” Os dois mais velhos não pararam de maçar o rei enquanto ele não lançou uma terceira proposta e declarou que herdaria o reino aquele que, dos três, levasse para casa a mulher mais bela. Voltou a atirar ao ar, soprando, as três penas e elas voaram como antes.

Sem mais delongas, o Tolo foi ter com a sapa gorda e disse: “Fiquei de levar para casa a mulher mais bela do mundo.” “Bem”, respondeu a sapa, “a mulher mais bela do mundo! Ela não está à mão de imediato, mas irás tê-la mesmo assim.” Deu-lhe uma beterraba escavada por dentro, à qual estavam atrelados seis ratinhos. Disse o Tolo muito triste: “O que devo eu fazer com isto?” “Basta meteres uma das minhas sapinhas lá dentro.” Então ele pegou uma à sorte e sentou-a na carruagem avermelhada, mas, mal esta se sentara lá dentro, transformou-se numa bela jovem donzela maravilhosamente bela, enquanto a beterraba se transformou em carruagem e os seis ratinhos em cavalos. Ele beijou-a, foi-se embora conduzindo os cavalos galopantes e levou-a até ao rei. Os

irmãos dele chegaram depois e não se haviam dado qualquer trabalho de encontrar uma bela mulher, mas levaram as primeiras camponesas menos más que encontraram. Quando o rei olhou para elas, disse: “Após a minha morte, o reino pertencerá ao mais novo.” Mas os dois mais velhos tornaram a ensurdecer os ouvidos do rei, clamando: “Não podemos aceitar que o Tolo se torne rei.” E exigiram que aquele cuja mulher conseguisse saltar por entre um anel no meio do salão fosse o preferido. Pensaram: “As camponesas conseguem fazê-lo sem problemas porque têm força suficiente. Já aquela donzelinha delicada há-de morrer a saltar.” O velho rei ainda voltou a consentir, então as duas camponesas saltaram, e saltaram por entre o anel, mas eram tão desajeitadas que caíram e partiram os braços e as pernas rudes. Em seguida, saltou a bela jovem que o tolo trouxera, e saltou tão ligeira como um veado e toda a oposição teve de chegar ao fim. Assim, o Tolo recebeu a coroa e reinou com sabedoria durante muito tempo.

“Branca de Neve” – Versão Irmãos Grimm

Era uma vez no coração do inverno, e os flocos de neve caíam do céu como penas. Uma rainha estava sentada a uma janela de caixilho de ébano negro e costurava. E enquanto costurava e fitava a neve, picou-se no dedo com a agulha e três gotas de sangue caíram na neve. E porque o vermelho na neve branca era tão bonito, pensou para consigo: “Quem me dera ter uma criança tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como o ébano do caixilho.” Pouco depois, deu à luz uma menina que era tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e de cabelos tão negros como o ébano, a quem deram então o nome de Branca de Neve. E nascida a criança, morreu a rainha.

Passado um ano, o rei tomou nova esposa. Era uma mulher bela, mas orgulhosa e arrogante, e não suportava que alguém a pudesse ultrapassar em beleza. Tinha um espelho mágico e, quando se sentava em frente a ele, mirando-se, perguntava-lhe:

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

E respondia o espelho:

*Majestade,
Sois a mais bela deste reino.*

E ela ficava toda contente porque sabia que o espelho falava sempre a verdade.

Mas Branca de Neve crescia e tornava-se cada dia mais bonita. Aos sete anos já era tão bonita como um dia de sol e mais formosa do que a própria rainha. Quando esta um dia perguntou ao espelho,

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

O espelho respondeu-lhe:

Majestade, sois mais bela

*Do que todas as que aqui estão
Mas mais bela é Branca de Neve,
Mil vezes e um milhão.*

A rainha assustou-se e fez-se amarela e verde de inveja. A partir daquele momento, sempre que olhava para Branca de Neve, o coração até se revolia de tanto que a odiava. E a inveja e a arrogância medravam no coração dela como uma erva daninha, até que já não tinha sossego nem de noite nem de dia. Chamou então um caçador e disse-lhe: “Pega na criança e leva-a para a floresta, não quero vê-la mais à minha frente. Mata-a e traz-me o pulmão e o fígado dela como prova.” O caçador obedeceu e levou-a para a floresta e tinha já sacado da faca de mato e preparava-se para trespassar o coração inocente de Branca de Neve, quando ela começou a chorar e disse: “Ai, bom caçador, poupa-me a vida; deixa-me fugir floresta dentro e nunca mais regressar.” E tão bela era que o caçador se apiedou e disse: “Os animais selvagens vão devorar-te mais tarde ou mais cedo”, pensou ele, mas sentiu-se como se lhe tivessem tirado uma pedra grande do coração por não ter de a matar. E avistando naquele momento um javali em corrida, desferiu-lhe um golpe, retirou-lhe pulmão e fígado e levou-os como prova à rainha. O cozinheiro teve de os saltar e a mulher malvada comeu-os, julgando que comia o pulmão e o fígado de Branca de Neve.

Agora a pobre criança estava completamente sozinha na floresta e ficou com tanto medo que fitou todas as folhas das árvores sem saber o que fazer. Desatou então a correr, e correu sobre pedras afiadas, e correu sobre espinhos, e os animais selvagens, correndo, por ela passavam, mas não lhe faziam nada. Correu até onde os pés a conseguiram levar, correu até ser quase noite, até que avistou uma casinha e nela entrou para descansar um pouco. Naquela casinha tudo era tão pequeno, mas tão limpo e asseado como não parecia possível. Havia uma mesinha com sete pratinhos e em cada pratinho havia uma colherinha, e havia sete faquinhas e sete garfinhos e sete copinhos. Junto à parede estavam sete caminhas dispostas umas ao lado das outras, cobertas com lençóis brancos de neve. Branca de Neve, de tão esfomeada e sedenta que estava, trincou de cada pratinho um pedacinho de vegetais e de pão, e de cada copinho beberricou um golinho de vinho, pois não queria que nenhum deles ficasse vazio por completo. A seguir, de tão cansada que estava, deitou-se em cima de uma cama, mas cama nenhuma lhe servia. Esta era demasiado comprida, aquela demasiado curta, até

que finalmente a sétima lhe serviu: e nela se deitou, recomendou-se a Deus e adormeceu.

Quando já era noite escura, chegaram os donos da casa. Eram sete anões que escavavam as montanhas em busca de minério. Acenderam sete velinhas e, fazendo-se luz na casa, viram que alguém lá tinha estado, pois as coisas não estavam na mesma ordem em que eles as tinham deixado.

Disse o primeiro: “Quem se sentou na minha cadeirinha?”

Disse o segundo: “Quem comeu do meu pratinho?”

Disse o terceiro: “Quem trincou do meu pãozinho?”

Disse o quarto: “Quem tomou do meu caldinho?”

Disse o quinto: “Quem espetou com o meu garfinho?”

Disse o sexto: “Quem cortou com a minha faquinha?”

Disse o sétimo: “Quem beberricou do meu copinho?”

Depois o primeiro olhou em torno e viu uma pequena cova na sua cama e disse: “Quem se deitou na minha cama?” Os outros vieram a correr e cada um deles concordou: “Na minha cama também se deitou alguém.” O sétimo, porém, ao olhar para a sua cama, viu Branca de Neve, que jazia nela adormecida. Chamou os outros, que logo acorreram e ficaram atônitos, ergueram as velas contra a face de Branca de Neve. “Ai, meu Deus! Ai meu Deus! Como é linda esta menina!” E ficaram tão contentes que não a acordaram, deixando-a dormir na caminha. O sétimo anão dormiu nas camas dos irmãos, uma hora em cada uma, e assim passou a noite.

De manhã, Branca de Neve acordou e, ao ver os sete anões, assustou-se. Mas eles foram amigos e perguntaram-lhe: “Como te chamas?” “Chamo-me Branca de Neve”, respondeu ela. “Como deste com a nossa casa?”, continuaram os anões. Ela contou-lhes que a sua madrasta a quisera mandar matar, mas o caçador poupou-a a vida e ela correria o dia inteiro até por fim dar com aquela casinha. Disseram-lhe os anões: “Se quiseres tomar conta da casa, cozinhar, fazer as camas, limpar, costurar e tricotar, e tudo mantiveres limpo e asseado, podes ficar connosco, que nada te faltará.” “Sim”, disse Branca de Neve, “do fundo do coração.” E ficou com eles. Mantinha a casa em ordem para os sete. Eles partiam de manhã para as montanhas e procuravam bronze e ouro, à tarde regressavam e a comida tinha de estar pronta. A menina ficava sozinha o dia todo e os bons anões avisaram-na: “Tem cuidado com a tua madrasta. Mais tarde ou mais cedo, ela vai descobrir que estas aqui. Não deixes entrar ninguém.”

Mas a rainha, após ter comido o que julgava ser o pulmão e o fígado de Branca de Neve, não pensava noutra coisa, senão que voltaria agora a ser a primeira e a mais bela das mulheres e, dirigindo-se ao espelho mágico, perguntou-lhe:

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

E respondeu-lhe o espelho:

*Majestade, sois mais bela
Do que todas as que aqui estão
Mas mais bela é Branca de Neve,
Mil vezes e um milhão.
Pois se a vossa tamanha beleza
É já beleza tamanha,
Maior é a da Branca de Neve,
A dos sete anões da montanha.*

A rainha assustou-se, porque sabia que o espelho nunca mentia, e percebeu que o caçador a tinha enganado e Branca de Neve ainda estava viva. E pensou e repensou e tornou a pensar como haveria de a matar, pois, enquanto não passasse a ser a mais bela do reino, a inveja não lhe daria paz. E quando finalmente pensou em algo, pintou a cara e disfarçou-se de velha bufarinheira e ficou completamente irreconhecível. Assim atravessou sete montanhas até chegar à cas dos sete anões. Bateu então à porta e anunciou: “Olha a mercê boa e barata, barate e boa!” Branca de Neve espreitou pela janela e disse: “Bom dia, boa mulher, o que tendes para venda?” “Mercê bonita e boa, boa e bonita” respondeu ela. “Atacadores de espartilhos de todas as cores”, e mostrou-lhe um que fora tecido com seda garrida. “Posso deixar entrar esta boa mulher”, pensou Branca de Neve. Desferrolhou a porta e comprou o belo atacador. “Ai, filha”, disse a velha, “olha-me só para ti! Vamos lá, vou apertar-te o espartilho como deve ser.” Branca de Neve não suspeitou de nada, pôs-se à sua frente e deixou-se espartilhar com os novos atacadores. Mas a velha apertou-a rápido, e apertou-a tanto que Branca de Neve ficou sem conseguir respirar e caiu como morta. “Agora sou eu a mais bela”, disse a velha e partiu a toda a pressa.

inscrição a letras douradas. E disse aos anões: “Deixai-me ficar com este caixão. Dar-vos-ei por ele o que quiserdes.” Mas os anões responderam: “Não ficaríamos sem ele, nem por todo o ouro do mundo.” E ele disse: “Oferecei-mo então, pois eu não posso viver sem ver Branca de Neve. Honrá-la-ei e respeitá-la-ei como minha amada.” E ao ouvi-lo, os anões tiveram pena dele e deram-lhe o caixão. O príncipe deu ordens aos criados para que o levassem aos ombros. Só que eles tropeçaram num arbusto e abanaram o caixão, fazendo com que o pedacinho de maçã envenenada que Branca de Neve trancara se soltasse da garganta. Passado pouco, ela abriu os olhos, levantou a tampa do caixão, sentou-se, e ei-la viva outra vez. “Ai, meu deus, onde estou?” disse. O príncipe respondeu-lhe cheio de alegria: “Estás comigo.” E contou-lhe o que se passara e disse-lhe: “Amo-te mais do que tudo no mundo. Vem comigo para o palácio do meu pai e serás minha esposa.” Branca de Neve aceitou, os dois partiram e casaram no meio de grande pompa e esplendor.

Mas a madrasta malvada de Branca de Neve também foi convidada para a festa. Tendo vestido belas roupas, pôs-se em frente ao espelho mágico e perguntou:

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

E respondeu-lhe o espelho:

*Majestade, sois mais bela
Do que todas as que aqui estão,
Mas mais bela é a jovem rainha,
Mil vezes e um milhão.*

Então a mulher maldosa praguejou e sentiu medo, mas tanto medo, que nem sabia o que fazer. Primeiro não queria ir ao casamento. Mas não tinha paz e decidiu ir ver a jovem rainha. Quando chegou ao palácio, reconheceu Branca de Neve e, de medo e susto, deteve-se, incapaz de se mexer. Mas antes de a rainha entrar no palácio, colocaram-se na brasa umas chinelas de ferro, que foram transportadas por meio de tenazes e depositadas a seus pés. E ela foi obrigada a enfiar aqueles sapatos de vermelho ardente e a dançar até cair morta no chão.

Entrevista sobre o Conto: “As Três Penas”

Nome da criança:_____ **Data:**_____

Quais os pedidos do rei aos seus filhos?

O que indicavam as três penas?

A quem é que o rei deu o seu reino?

Entrevista sobre o Conto: “Gata Borralheira”

Nome da criança: _____ **Data:** _____

O que aconteceu à mãe da Gata borralheira e o que é que ela lhe pediu?

Com quem casou o pai?

Quais os pedidos das meias-irmãs e da Gata Borralheira ao seu pai quando partiu de viagem?

Quem é que realizou um baile e porquê?

Quem ajudou a Gata Borralheira?

Onde deixou a chinela?

Qual o final do Conto?

Entrevista sobre o Conto: “Branca de Neve”

Nome da criança: _____ **Data:** _____

O que mais gostaste deste conto?

Porque é que a madrasta não gostava da Branca de Neve?

Porque é que o caçador não matou a Branca de Neve?

Quem eram os amigos de Branca de Neve?

O que aconteceu no final deste Conto?

Não muito tempo depois, perto da hora de jantar, os sete anões tornaram a casa e ficaram assustados ao verem a sua querida Branca de Neve jazendo no chão. Ela não tugia nem bulia, como se estivesse morta. Levantaram-na e, vendo que o espartilho estava demasiado apertado, cortaram os atacadores. Ela recomeçou a respirar um bocadinho e, a pouco e pouco, voltou a si. Quando os anões ouviram o que se tinha passado, disseram: “A velha bufarinheira não era outra senão a rainha malvada. Tem muito cuidado e não deixes entrar ninguém quando cá não estivermos.”

Mas a malvada da rainha, chegada a casa, sentou-se em frente ao espelho mágico e perguntou:

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

E respondeu-lhe o espelho como antes:

*Majestade, sois mais bela
Do que todas as que aqui estão
Mas mais bela é Branca de Neve,
Mil vezes e um milhão.
Pois se a vossa tamanha beleza
É já beleza tamanha,
Maior é a da Branca de Neve,
A dos sete anões da montanha.*

Ouvindo aquilo, o sangue afluíu-lhe todo ao coração do susto que apanhou, pois percebeu logo que Branca de Neve continuava viva. “Agora então”, disse ela, “hei de pensar em algo que te deixe mesmo com os pés na cova.” E recorrendo a artes e bruxaria, em que era entendida, fez um pente envenenado. Depois disfarçou-se e tomou a forma de uma outra velha. Nesta forma atravessou sete montanhas até chegar à casa dos sete anões. Bateu então à porta e anunciou: “Olha a mercê boa e barata, barata e boa!” Branca de Neve espreitou pela janela e disse: “Ide-vos, não posso deixar entrar ninguém.” “Mas com certeza podeis olhar”, disse a velha, tirando para fora o pente envenenado e mostrando-lho. O pente tanto agradou a Branca de Neve que ela se deixou tentar e abriu a porta. Depois de terem fechado negócio, disse-lhe a velha: “Vamos lá,

vou pentear-te como deve ser.” A pobre Branca de Neve não suspeitou de nada e deixou que a velha a penteasse, mas, mal esta tinha levado o pente aos seus cabelos, o veneno actuou e a menina caiu sem sentidos. “Desta vez, ó modelozinho de beleza”, disse-lhe a mulher malvada, “desta vez foste à vida.” E foi-se embora. Felizmente era quase de noite, quando os sete anões tornaram a casa. Ao verem Branca de Neve no chão como morta, logo suspeitaram da madrasta, olharam em volta e viram o pente envenenado. Mal o retiraram dos cabelos de Branca de Neve, esta recuperou os sentidos e contou o que se tinha passado. E eles uma vez mais a avisaram para ter cuidado e não deixar entrar ninguém.

A rainha voltou a sentar-se em frente ao espelho mágico e perguntou:

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

E respondeu-lhe o espelho como antes:

*Majestade, sois mais bela
Do que todas as que aqui estão
Mas mais bela é Branca de Neve,
Mil vezes e um milhão.
Pois se a vossa tamanha beleza
É já beleza tamanha,
Maior é a da Branca de Neve,
A dos sete anões da montanha.*

Ao escutar as palavras do espelho, ela tremeu e estremeceu de ira. “Branca de Neve vai morrer”, disse ela. “Nem que isso me custe a vida!” Depois, dirigiu-se para um quarto escondido e completamente secreto, onde ninguém entrava, e aí fez uma maçã venenosa com o veneno. Por fora era bonita, branca com faces vermelhas, e quem a visse ficava logo com vontade de a comer, mas quem dela trincasse um pedacinho, por mais pequeno que fosse morria. Quando a maçã ficou pronta, a rainha pintou a cara, disfarçou-se e tomou a forma de camponesa. Nesta forma atravessou sete montanhas até chegar à casa dos sete anões. Bateu então à porta. Branca de Neve pôs a cabeça fora da janela e disse: “Não posso deixar entrar ninguém. Os sete anões proibiram-mo.” “Por

mim, não faz mal”, disse a velha. “Quero é ver-me livre destas maçãs. Toma ofereço-te uma.” “Não”, respondeu Branca de Neve, “não posso tomar nada.” “Estás com medo de veneno?” disse a velha. “Ora olha, vou cortar a maçã em duas, a metade vermelha fica para ti, a branca fica para mim.” A maçã fora feita com tanta arte e engenho, que só a metade vermelha estava envenenada. Branca de Neve ficou cheia de vontade de provar a maçã e, vendo que a camponesa também estava a comer, não conseguiu resistir, estendeu a mão e pegou na metade envenenada. Mas mal levou um pedacinho à boca, caiu morta no chão. A rainha deitou-lhe um olhar terrível, soltou uma gargalhada e disse: “Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano! Desta vez os anões não te vão conseguir acordar.” E quando em casa perguntou ao espelho mágico,

*Espelho meu, espelho meu,
Há mulher mais bela do que eu?*

O espelho respondeu-lhe finalmente: “Majestade, sois a mais bela deste reino.”

E o coração invejoso dela teve paz quanta é possível a um coração invejoso.

Os anões, ao chegarem à noite a casa, encontraram Branca de Neve jazendo no chão. Já não respirava e estava morta. Levantaram-na, viram se havia veneno, desapertaram-lhe o espartilho, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas de nada serviu. A querida menina estava morta e morta jazia. Deitaram-na num ataúde, sentaram-se em torno e choraram, choraram, três dias a fio. Estavam para enterrá-la, mas ela ainda tinha um ar fresco, como se estivesse viva, e as maçãs do rosto continuavam coradas, pelo que disseram: “Não podemos enfiá-la na terra escura.” E mandaram fazer um caixão de vidro transparente, para que pudessem ver de todos os lados e enfiaram-na lá dentro, fizeram uma inscrição a letras douradas, dizendo como se chamava e que era uma princesa. Depois colocaram o caixão no cimo da montanha, e um deles ficava sempre a velá-la. E os animais também lá iam e choravam por Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e finalmente uma pomba.

E Branca de Neve permaneceu no caixão muito, muito tempo, e não mudava, e continuava a parecer que dormia, pois era ainda tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tinha ainda cabelos tão negros como o ébano. Mas um dia aconteceu que um príncipe que cavalgava pela floresta e foi até à casa dos anões para nela pernoitar. Viu o caixão na montanha, e dentro do caixão a linda Branca de Neve, e leu a